

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RAFAEL MENDES LEAL

SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA NA SÉRIE RUPTURA :
A BUSCA E A DISPUTA DE SENTIDOS NOS AMBIENTES ORGANIZACIONAIS
MODERNOS

VIÇOSA
2022

RAFAEL MENDES LEAL

SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA NA SÉRIE RUPTURA :
A BUSCA E A DISPUTA DE SENTIDOS NOS AMBIENTES ORGANIZACIONAIS
MODERNOS

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

VIÇOSA

2022

RESUMO: Quem é você em um mundo que te atravessa a todo momento por sentidos previamente determinados? Você é suas experiências? Você é seus sentimentos? Você é seu trabalho? A partir dessas questões, este projeto de pesquisa busca examinar como a série ficcional *Ruptura*, faz emergir conflitos da subjetividade contemporânea protagonizados por ambientes organizacionais modernos. Como proposta teórica, o projeto lança mão de noções que tratam da questão da subjetividade humana e da construção do sujeito contemporâneo, bem como mobiliza conceitos que buscam demonstrar como as instituições modernas dizem intimamente sobre o lugar que ocupamos no mundo e como elas têm entrado em crise devido a insustentabilidade dos valores modernos - estes últimos aplicados durante sua criação e perpetuados por séculos - , dissertando um pouco também sobre o papel das tecnologias nesse processo. Mas não se guie apenas pelo resumo, você pode se surpreender.

Palavras-chave: Ruptura, subjetividade, sentido, tecnologia, neurociência, afeto, organizações, trabalho

SUMÁRIO

Introdução.....	5
• Notas e devaneios introdutórios.....	6
• Apresentando o percurso: problema de pesquisa, objetivos e metodologia.....	8
• Um mergulho mais profundo na Ruptura.....	12
1. Caminhos para construção da Subjetividade.....	16
2. Subjetividade e ideologia do progresso: o lugar das organizações modernas.....	20
3. Uma breve contextualização da análise.....	25
3.1. Mark Interno x Mark Externo: Duas versões de um mesmo ser.....	26
3.2. Mark Interno x Helly Interna: Paralelos, mas opostos.....	30
3.3. Duas vezes dois: Analisando o Departamento de Refinamento de Macrodados.....	33
3.4. Aqueles que detém o poder.....	36
3.5. A escuridão na luz.....	39
3.6. A luz na escuridão.....	42
3.7. A incerteza de um futuro.....	44
3.8. Entre o sofrimento e o controle: humanos mais humanos do que outros.....	45
3.9. Eu x Nós: Vínculos que constroem sentidos.....	47
Considerações finais.....	49
Referências.....	52

Notas e devaneios introdutórios

É meio difícil saber por onde começar esse trabalho, uma vez que ele é uma reformulação de um projeto que foi descontinuado devido à sua incompatibilidade com o autor. A priori, a ideia era construir um TCC padrão e com uma abordagem extremamente científica. Mas, com o passar dos meses, tal ideia foi caindo por terra, uma vez que descobri durante o seu desenvolvimento que essa não conversava com quem eu era - fato que soa um pouco irônico, visto que o tema anterior trazia em muitos momentos a questão de como as instituições modernas fazem com que sujeitos anulem parte de sua subjetividade em prol dos conceitos inicialmente instituídos e que deveriam ser seguidos a fio. Eu mesmo não fui capaz de me submeter a esses conceitos. Dessa forma, eu acabei levando essa queixa ao meu orientador, que foi capaz de ler os meus sentimentos com maestria e juntos identificamos que o problema era o caminho que eu tinha escolhido. Não necessariamente a série que era o meu objeto central de estudo, ou os tópicos que tínhamos traçado lá no início e que estava pesquisando por um bom tempo. O problema era que, durante toda a minha graduação, a forma como eu levei as disciplinas e enxerguei essa experiência - que sim, não foi apenas um treinamento para exercer uma profissão, mas uma experiência de 5 anos - foi algo muito mais íntimo e informal. E, na ânsia de construir algo diferente do habitual, um gesto ficou mais evidente: não seria um trabalho que conversaria comigo, seria apenas um trabalho que, para a academia, serviria, mas que me levou a questionar se para mim serviria. Se as pesquisas e a escrita não faziam mais sentido, era sinal de que algo estava errado, e talvez o erro fosse querer desenvolver algo para os outros, algo que me garantisse prestígio, respeito, algo que fosse elogiado pela sua estrutura padrão e que para mim no final só seria mais do mesmo, redundante. Será que é dessa forma que eu queria acabar uma experiência tão transformadora de vida? Certamente que não.

Então, diante de todos esses devaneios, propusemos reconstruir o trabalho sob uma nova perspectiva, e com direcionamento nos processos de orientação, decidimos adotar a abordagem afetiva para tratar dos temas e dar vida a essa discussão. A virada afetiva, ou giro afetivo, é uma expressão que engloba uma série de trabalhos que começaram a ser publicados na área de ciências sociais, a partir do século XX. Tendo como base para sua construção **teorias psicossociais que foram formuladas na segunda metade desse século, como sociocronucionismo, a psicologia social discursiva, os estudos culturais das emoções, sociologia interpretativa, sociolinguística, estudos feministas**, entre outras.

A intenção do turno afetivo se escora em levantar de forma teórica principalmente o interesse pelas emoções que habitam a vida pública e dessa forma produzir um conhecimento capaz de aprofundar essa emocionalização da vida, contrastando com a característica de racionalização das ciências tradicionais (Lara e Enciso, 2013).

Segundo Lara e Enciso (2013), nomeia-se “virada” porque representa uma ruptura com o objeto de estudo em que a produção de conhecimento havia sido estabelecida dentro das ciências sociais tradicionalmente. Também é “afetivo” porque os novos objetos de conhecimento são precisamente emoção e afeto, utilizando da experiência e da forma que os mesmos conceitos decaem sobre o sujeito que os escreve como materialidade para análise e assim construção de novos sentidos narrativos. Tal conceituação flerta com o conceito de Gumbrecht (1988) que também pretendo agregar na minha narrativa, na medida que busco sentir a presença de uma série audiovisual contemporânea, entendendo como ela me provoca a refletir sobre a minha própria posição social.

Dito tudo isso, a proposta é manter ainda o diálogo com nosso contexto de pesquisa e com os temas que extraímos dele, mas a partir de agora com uma visão mais fluida. Poder trazer exemplos que vão além do próprio objeto de conhecimento - a série Ruptura, como apresentarei a seguir -, e poder trazer minha experiência como forma de materialidade para as temáticas, usando como base algumas prescrições e orientações da abordagem afetiva. O objetivo final é que seja um trabalho que não tenha em si o peso de agregar algo para a academia, mas que se preocupe mais em dialogar com quem vai entrar em contato com ele. Não tenho grandes pretensões, apenas desejo construir uma boa experiência em cima desses tópicos que venho me debruçando há alguns meses.

A fins de elucidação, os tópicos estabelecidos na primeira versão deste trabalho diziam sobre a construção da subjetividade contemporânea, discussão levantada a partir da conceituação de Taylor (2011) aliada aos avanços tecnológicos, permeando conceitos de Sibilia (2016) e, em um segundo momento, sobre a discussão a respeito dos modos os quais as instituições modernas atravessam essa construção, trazendo para o jogo reflexões de Benjamin (1987), Mafra (2021) e Arendt (2007). Se pensarmos que tudo isso está presente no nosso cotidiano desde que nascemos, vemos que é meio difícil separar essas discussões. E, nessa nova versão, a minha intenção é mantê-las de certa forma, mas trazendo para mais perto. E tentando assim unificá-las em uma narrativa, que não posso garantir que seguirá uma certa linearidade, mas que tentará trazer percepções diferentes sobre essas questões.

Após esse breve esclarecimento, é preciso ainda fazer algumas conceituações importantes antes de devanarmos sobre outros assuntos. O primeiro é a respeito da série

Ruptura, que é o meu objeto principal de pesquisa desde a primeira versão deste trabalho e que continuará vivo na versão final apesar de explorado de um modo diferente do que tinha sido inicialmente previsto. Ruptura é uma série da plataforma de streaming Apple TV+. Lançada em 2022, vem ganhando a atenção da grande mídia devido à sua narrativa densa, à sua estética singular e às críticas sociais que mobiliza. A série traz em sua base a relação *vida pessoal e trabalho* e, mais especificamente, conta a história de Mark, que após a morte da sua esposa em um acidente de carro, abandona a vida de professor de história em uma universidade e começa a trabalhar na Lumon, uma empresa com fins misteriosos. Nela, ele realiza o *processo de Ruptura* para trabalhar em um departamento secreto.



Figura 1 - Pôster da série Ruptura
Fonte: Apple TV+, 2022

A Ruptura nada mais é que um procedimento intrusivo, por meio do qual se instala um chip no cérebro, e, utilizando-se de tecnologia, cria uma espécie de bifurcação do “eu”. A partir desse momento, toda vez que o protagonista entra no trabalho, uma espécie de *chave* é acionada no seu cérebro e a partir daí ele esquece toda a sua vida externa e pessoal e se torna o Mark Interno, uma nova persona que só conhece a vida do trabalho e não faz ideia do que acontece lá fora. A consequência disso é que o Mark Externo também desconhece o trabalho que faz na Lumon. Apesar da premissa distópica, a série trata de muitas questões que convergem com a nossa sociedade contemporânea e, como citado anteriormente, a principal

delas é a vida no trabalho. Em uma geração marcada pelo Burnout¹, essas discussões se mostram extremamente relevantes. Quantas vezes você exerceu uma função totalmente sem propósito? Um trabalho sem sentido, no qual muitas vezes você deseja que o tempo passe mais rápido, para que você possa sair desse ambiente organizacional? E é com isso que a série brinca: o que *a priori* pode parecer atrativo, a possibilidade de separar nosso eu pessoal do nosso eu do trabalho, em uma segunda instância se mostra como algo aterrorizante. Já pensou em ficar preso no trabalho para sempre?

Como podemos perceber, Ruptura é uma série que permite que levantemos muitos questionamentos sobre a vida, sobre o sistema, e não é por acaso que ela tem ganhado reconhecimento e que tenha me chamado atenção a ponto de querer utilizá-la no meu TCC. Mas como citado nesse parágrafo sobre a série, *quantas vezes nós não exercemos um trabalho sem sentido, no qual muitas vezes nós desejamos que acabasse para que possamos sair dele?* E eu queria ressaltar esse trecho porque é basicamente isso que eu estava sentido no desenvolvimento da primeira versão do meu TCC. Ao pensar muito mais no que a academia esperava de mim, eu mesmo estabeleci uma ruptura com parte de quem eu era, mas isso se mostrou insustentável a longo prazo. Meu *eu* mais essencial clamava por poder discutir esses assuntos de uma forma que fizesse meus olhos brilharem, e foi nessa ânsia que a abordagem afetiva veio como a luz no fim do túnel para um trabalho que até pouco tempo ao meu ver estava fadado ao fracasso, mesmo que entregue, mesmo que relativamente bem escrito. Seria um fracasso entregar algo que nem eu mesmo via sentido, algo que finalizaria anos de reformulação de uma subjetividade, anos entrando em contato com novas percepções de mundo e sendo atravessado por conceitos até então desconhecidos. Daí, nasce um novo caminho, que ainda pretende trazer conceitos, autores, e analogias, mas de uma forma que faça sentido e que converse com a minha jornada na universidade.

Apresentando o percurso: problema de pesquisa, objetivos e metodologia

Quem é você? Essa é a primeira frase dita na série Ruptura e eu não vejo essa colocação por acaso. Afinal de contas, pode ser um grande devaneio da minha parte, mas para mim ela já vem para trazer certo desconforto ao público. Você dá “o play” em uma série aleatória em um serviço de streaming e ele já começa com uma indagação tão profunda? Aí tem...

¹ O Burnout é um distúrbio psicológico caracterizado pelo esgotamento físico e emocional devido a questões majoritariamente ligadas ao ambiente profissional.

Mas o que é o eu? Nos termos do pensamento moderno, poderíamos dizer que o eu é a consciência de si, mas esta identificação é de todo modo disjuntiva, pois o “sou consciente de mim mesmo é”, segundo Kant (1995, p. 30), “um pensamento que contém já um duplo eu, o eu como sujeito e o eu como objeto (Objekt)” (SILVA, 2020).

E se eu te jogasse essa pergunta agora, quem é você? Conseguiria me responder rápido e de forma concisa? Ou precisaria de um tempo para pensar? Calma, sem pressão, você tem todo tempo do mundo, só queria mesmo que pensasse um pouco sobre isso, ou queria te aquecer para a discussão que pretendo levantar a partir de agora. Se chegarmos a algum lugar concreto? Eu não sei; mas podemos aproveitar o caminho enquanto fazemos algumas reflexões interessantes, afinal, o resultado não importa muito mesmo não é? Talvez até saibamos onde vai dar, mas o processo, esse sim, pode render bastante.

Como poderia a série Ruptura se relacionar com a nossa realidade, demonstrando o esvaziamento de certos sentidos atribuídos e a urgência na construção de novos sentidos e como isso pode dizer sobre a incerteza de um futuro? A série diz sobre trabalho, mas também fala sobre como um rompimento radical com a nossa subjetividade poderia, em tese, nos tornar mais produtivos e menos infelizes. Sim, guarde o “menos infelizes”, não necessariamente felizes e sim menos infelizes, pelo menos no que diz respeito à história da série em si. Podemos ver então pessoas atravessadas pelas instituições modernas, seja o mercado, no que diz respeito ao trabalho, que mostra que ele vem acima da sua dignidade humana; seja o Estado, que permite e às vezes corrobora para que isso aconteça; seja a Ciência, no desenvolvimento de novas tecnologias que propiciam o controle da mente e do corpo (MAFRA, 2021). Todas essas questões acabam indo em contraponto à noção de livre arbítrio. Se acabamos assim sujeitos a esse sistema, seria a nossa concepção de liberdade na verdade uma ilusão?

Dessa forma, vemos um sistema que nos propicia construir um sentido à mesma medida que nos impede de sair dele. Vemos que sentido, como conceitua Benjamin (1987), também remete a um futuro, futuro esse no qual temos responsabilidade de construir, rumo a um progresso social, econômico e político. Progresso que nos engole na promessa de uma felicidade coletiva, mas que gera mais sofrimento que satisfação, no fim das contas.

Mesmo que seja nossa vontade, termos a possibilidade de construir um novo sentido, de ressignificar o conceito, não é a vontade de quem detém o poder sobre o sistema e assim temos um sujeito completamente atravessado pela sociedade. Quem é você? É possível responder essa pergunta de forma isolada? Se somos um caldeirão de sentidos previamente atribuídos, dessa forma, não somos, por si só, nada. Nos tornamos fruto do que sentimos, do

que aprendemos e do que é imposto a nós. E, nesse rumo, pretendo trazer dois questionamentos: como a série *Ruptura* evidencia o contexto de falência da vida moderna, a partir de conflitos da subjetividade contemporânea, protagonizados por ambientes organizacionais modernos? E como o esvaziamento de sentidos previamente atribuídos pode dizer sobre a situação social e individual em um presente momento e seus possíveis impactos em um futuro próximo?

Partindo desses questionamentos, tenho como objetivo central neste trabalho examinar como a série ficcional *Ruptura* faz emergir conflitos da subjetividade contemporânea protagonizados por ambientes organizacionais modernos. E, de forma específica, identificar, a partir do enredo do protagonista da série, Mark, a existência de um sistema que nos atravessa por sentidos, e como isso afeta a construção do nosso conceito de identidade e nos possibilita dar sentido ou não para a nossa existência. E, em um segundo momento, examinar como a presença de personagens que constituem o ambiente organizacional do protagonista, Mark, instituem ritos e dinâmicas de trabalho, a partir de insinuações acerca de experiências presentes nos contextos contemporâneos das organizações modernas, com foco nos processos de trabalho: líder, vida organizacional, ritos organizacionais, cenas do trabalho moderno.

Como citado anteriormente, para ancorar minha análise, a metodologia base para estruturação da minha escrita envolverá a abordagem afetiva, mobilizando autores como: Lara e Enciso (2013) e Clough (2010). A abordagem afetiva me possibilita construir um caminho diferente do imposto pela academia, e que para mim é algo muito caro, pois, a capacidade de eu mesmo estruturar a narrativa da forma que acredito me remete à existência de um senso crítico formado dentro da mesma academia que me impõe um valor prévio. Poder escolher a forma pela qual eu exponho minhas ideias, sem perder o caráter científico, é algo extremamente valioso para mim.

Lara e Enciso (2013) trazem em seu artigo “El Giro Afectivo” uma conceituação a respeito do *boom* do movimento afetivo, e a perspectiva de alguns autores que se põem a dissertar sobre essa linha de análise. E nessa toada afetiva, apresentam um artigo de Brian Massumi, autor que é considerado importante nesses primórdios. Massumi (2002, p. 228) disserta sobre a “abertura e conseqüentemente o poder da novidade”, concebendo o afeto como uma válvula de escape ao confinamento. Para ele: “quando as coisas - como os corpos - se movem, as coisas sentem. Ao mesmo tempo sensação e afeto se intensificam, ambos estão sempre em movimento.” (Massumi 1995; 2002 apud Lara e Enciso, 2013 p. 103).

Clough (2010) vai além, compreendendo o estudo do afeto como uma ontologia de fenômenos que "não dependem da consciência humana, nem da comunicação linguística ou discursiva". Dissertando que a batalha contra o discursivo pode gerar a "oportunidade de algo mais, inesperado, mais novo" (2010, p. 223), a autora aponta que o afeto liberto do jugo traz consigo a promessa da novidade.

E é nessa promessa da novidade que quero me apoiar na construção desse trabalho: usando a abordagem afetiva para expor a minha vontade de construir algo diferente e usando as outras teorias como forma de conceituação, uma vez que a comunicação é um campo transdisciplinar, como já disse José Luiz Braga, em seu artigo "O que é comunicação" de 2016 e se ancora nas mais variadas áreas. Dessa forma, queria expor isso no meu trabalho, o que também conversa com a minha personalidade enquanto autor e indivíduo que tem interesses multidisciplinares e que ainda está buscando construir seu próprio sentido.

Se colocarmos a sensibilidade antes do método, é possível ampliar os limites conhecidos e sistematizados de qualquer tipo de dado empírico (Lara e Enciso, 2013).

Mas não é só de abordagem afetiva que vive esse trabalho. E é a hora de apresentar os demais autores que foram mobilizados para conceituar os pontos-chaves que envolvem a história e a temática de Ruptura. Recorro a Taylor (2011) para discutir sobre subjetividade e a construção do conceito de *self*, além de usar sua concepção de *self* pontual, que acaba sujeito aos ideais de progresso socialmente instituídos e que decaem sobre o indivíduo, fazendo com que ele rompa com parte da sua subjetividade no processo. Em cima dessa discussão de progresso, rumo a um futuro idealizado e irreal, mobilizo Benjamin (1987) para discussão e Mafra (2021), este último no que diz respeito às organizações modernas, estas, que englobam, o estado, mercado e ciência, discutindo como cada estrato, apesar de possuir funcionamentos e interesses diferentes, e por vezes antagônicos, age conjuntamente em prol da manutenção dessa estrutura. Também buscarei as reflexões de Zorzanelli e Ortega (2011), para trazer uma breve discussão a respeito de como a cultura ocidental moderna estimulou o desenvolvimento da neurociência e como isso tem afetado intimamente a subjetividade contemporânea.

Na toada metodológica, ainda busco me apropriar do conceito descrito por Gumbrecht (1988) e retomado por Hanke (2006, p. 216): "Qualquer entendimento de uma configuração do passado é realizado através de uma transferência daquilo que queremos entender para

nossa presença”. Dessa forma, busco visualizar a série para além do seu sentido, no intuito de sentir sua presença - o que ela provoca em mim:

Falar em 'materialidades da comunicação' significa ter em mente que todo ato de comunicação exige a presença de um suporte material para efetivar-se (Felinto 2001, apud de Sá 2004: 32), sendo assim, encontrar na realidade material pontos de convergência e dissertar como a série os retratam e as críticas que ela estabelece sobre eles. (Hanke, 2006, p. 220).

Por fim, trago também Sibilía (2016) e Arendt (2007), em conceituações específicas ao longo do trabalho. Apesar de usar essas teorias citadas como base, também pretendo utilizar outros conceitos durante a estruturação do trabalho, seja no formato de citação, seja na exemplificação para agregar valor e tornar mais clara a análise. Dito tudo isso, posso dar continuidade ao trabalho trazendo uma segunda conceituação da série, mas, dessa vez, com uma proposta de mergulho um pouco mais profundo em sua narrativa.

Um mergulho mais profundo na Ruptura

A série Ruptura gira em torno da história de Mark, que decidiu, após a morte da sua esposa, realizar o procedimento de Ruptura, separando assim o seu “eu” da vida privada e o seu “eu” do trabalho. Praticamente, tal processo transformou-o em dois indivíduos diferentes, e apesar dele começar a série já dentro desse sistema, a sua vida externa é trazida em vários momentos em paralelo com a vida da sua suposta versão interna, tendo em vista a exploração narrativa do tema central da série, que é o trabalho. Mas essa possibilidade de acompanhar as duas versões de Mark nos dá base para analisar tanto os motivos que o fizeram realizar a Ruptura, quanto como a sua versão interna que foi criada justamente por essa escolha e que lida com essa vida imposta desde o seu “nascimento”.

Mark trabalha no setor de refinamento de macrodados da Lumon, que é a empresa pioneira no uso da Ruptura. Curioso é notar que, apesar de Mark estar em um meio eticamente questionado, a série trata tal ambiente de forma legal, e podemos dizer que até possui subsídio do governo para ser explorado. A Lumon foi criada sob a ideologia de Kier, fundador, e que é tratado de uma forma praticamente divina. Seus líderes posteriores foram os sucessores de Kier, mantendo o poder nas mãos de uma mesma família no decorrer das eras. A série possui 9 episódios, e o enredo evolui a partir da chegada de Helly ao setor de Ruptura da Lumon. Helly não entende as motivações da sua versão externa para fazer o

procedimento e não suporta a ideia de realizar um trabalho sem sentido e de não saber nada sobre si mesma. Essa alienação a faz entrar numa busca desesperada para sair daquele contexto. E tudo isso gera uma desestabilização do sistema. Nessa saga, temos o questionamento de sentidos atribuídos, e a construção de novos sentidos, ou seja, o questionamento do sistema e dos seus métodos e discussões a respeito do sofrimento humano, seja em níveis individuais, seja coletivos.



Figura 2 - Mark
Fonte: Ruptura, 2022



Figura 3 - Helly
Fonte: Ruptura, 2022

A série possui algumas categorias de personagens relevantes que se alteram por contexto. Temos os funcionários do setor de refinamento de macrodados da Lumon, que é o setor de Mark, e onde também atuam a Helly, o Dylan e o Irving, quatro personagens unidos por uma situação comum, mas com personalidades bem distintas. Temos o supervisor dos departamentos internos, o Milchick, e a chefe direta deles, a Sra. Cobel. Ainda somos apresentados ao Burt, funcionário do departamento de Óptica e Design do setor de ruptura da Lumon e a Sra. Casey, uma espécie de psicóloga interna, que apesar de na primeira temporada ser considerada uma personagem secundária, esconde um segredo importante para a narrativa.



Figura 4: Dylan, Irving, Sra. Cobel, Milchick, Burt e Sra. Casey, personagens de Ruptura
Fonte: Ruptura, 2022.

Na parte externa da história, temos a irmã de Mark, a Devon e seu marido Ricken, o Petey, ex-funcionário do departamento de macrodados e a Sra. Selving, que é um personagem usado pela Sra. Cobel com o intuito de se infiltrar na vida pessoal de Mark, intensificando a supervisão, a fim de garantir o bom andamento do trabalho dentro da Lumon - esta que, apesar de separada por departamentos e com funções bem definidas, o que em tese daria sentido a Mark se mostra vazio, como se algo estivesse errado e o real propósito da empresa não fosse aquele.



Figura 5: Devon, Ricken e Petey, personagens de Ruptura
Fonte: Ruptura, 2022.

Apesar de Mark ser o protagonista da série, vemos um bom desenvolvimento dos demais personagens e uma boa distribuição de tempo para cada um deles, de modo que todos se mostram importantes para a narrativa. E todos contribuem para o bom andamento dos fatos, estes que chegam a um nível extremo e emocionante nos episódios finais. Ruptura é uma série densa, sobre trabalho, mas também sobre o sentido da vida, e não é por acaso que ganhou o status de uma das melhores séries de 2022.² Sua história permite análise em diversos âmbitos.

Dito tudo isso, é preciso compreender as formas como esse trabalho se estruturou daqui para frente. Em um primeiro momento é preciso entendermos como a concepção de sujeito foi elaborada durante a história, arco mobilizado na seção 1: “Caminhos para construção da subjetividade”. Em um segundo momento, precisamos entender, no âmbito de uma virada de valores sociais, como o trabalho assumiu uma posição de destaque, e como a sociedade tem se estruturado desde então, atribuindo um sentido sempre a um futuro idealizado que nunca chega, arco mobilizado na seção 2: Subjetividade e ideologia do progresso: o lugar das organizações modernas .

Após as devidas contextualizações, partiremos, em um segundo momento, para análise da série, dividida em nove seções, destrinchando os temas apresentados na história: a ruptura com a nossa própria subjetividade, a resistência aos sentidos atribuídos, os contrastes de visão e posicionamento dentro de um mesmo grupo, os métodos dos que dispõem de poder, os valores e intenções do mercado, estado e ciência rumo ao progresso. Mas também possíveis esperanças diante à tomada de consciência e ao questionamento desses sentidos atribuídos pelo sistema serão apresentados. Por fim, o trabalho se encerra com a seção Considerações Finais.

² Ruptura recebe 14 indicações ao Emmy Awards 2022:
<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/ruptura-indicacoes-emmy-awards-2022/>

1. Caminhos para construção da subjetividade

Quem sou eu? Sempre que repito essa frase em voz alta vem um silêncio em minha mente: decerto, as primeiras coisas que vem na cabeça são características físicas ou de personalidade; numa segunda instância, penso em hábitos ou no lugar de onde vim, penso na minha relação com as pessoas e nas coisas que me disseram no caminho. E mesmo que eu tente responder de forma simples a essa pergunta, sempre parece que falta alguma coisa. Como se sim, eu fosse tudo isso, e não, eu não fosse nada disso. Afinal, quem eu sou? É com certeza uma pergunta complicada demais para mim: às vezes me perguntam e eu digo meu nome, mas isso não reflete em muita coisa, às vezes fico calado e o tempo passa, e me analisam pelas minhas atitudes, mas então seria isso? Ainda tenho minhas dúvidas, às vezes me questiono porque eu ajo da forma que eu ajo. Eu simplesmente faço? Ou o que eu faço tem alguma interrupção do meio? Eu nasci assim? Ou as coisas foram atribuídas a mim e eu apenas repliquei sem questionar? É, eu realmente não sei, mas não sei se a ideia é saber no fim das contas, mas sim, tomar consciência dessa complexidade, creio eu.

Charles Taylor (2011), escritor do livro “As fontes do Self”, tem uma noção de “eu” muito ligada a valores; e, como essa é uma discussão muito ampla, é importante termos em mente que os valores que hoje reinam são fruto de uma construção sócio-histórica. Logo, podemos afirmar que para compreender o hoje a gente precisa compreender toda a trajetória da humanidade. O sujeito, seja em um nível individual, seja em âmbitos coletivos, está ligado ao seu passado, mesmo que tentem fazer um apagamento dele.

Essas questões morais se manifestaram de diversas formas ao longo da história, nos pensamentos dos filósofos, de formas estéticas, a partir das artes, da literatura, da pintura. E mudanças sociais também foram modos de gerar avaliações fortes que formam o conceito de *self*. Dessa maneira podemos afirmar que o ser humano foi se atualizando a partir da observação de cada era que se passava.

Essa metamorfose do sujeito é conceituada por Schelling (1998), que nos mostra que a partir do momento que trazemos a subjetividade para o campo da racionalidade e acabamos assim transcrevendo o que somos em palavras, o que antes era apenas ser se torna uma observação e por consequência um objeto de análise. O ser é apenas ser, e quando o ser pode ser compreendido analiticamente ele automaticamente deixa de ser reflexo do que eu sou e se torna fruto da minha percepção, um objeto, causando uma dobra do eu, uma bifurcação, uma mudança. Dito por outras palavras, o ser existe mudando e se re-compreendendo e dessa forma mudando de novo:

A razão não para, pois o que havia sido determinado como sujeito, no primeiro momento, logo passa ser objeto num segundo momento e, portanto, de fato desaparece e cede posto a outra coisa, a qual, por sua vez, não está destinada a permanecer, senão a ceder lugar a outra coisa mais elevada (SCHELLING, 1998, p. 107, tradução SILVA, 2020).

Para construir uma espécie de descrição do sujeito moderno, Taylor (2011) retoma os pensamentos de grandes filósofos da história que a partir do olhar solene de sua própria realidade contribuíram para um entendimento de um todo a longo prazo. É importante sabermos que ao longo da história a questão identitária também apresentou uma correlação com valores morais, e sendo assim primeiramente Taylor (2011) mobiliza Platão, que acreditava que a noção de moral, ou seja, de certo e errado, não partia do homem em si, ela era alcançada a partir da razão. Dessa forma, conceitua o sujeito como uma bifurcação de dois mundos dentro de um mesmo indivíduo, o mundo das sensações e o mundo das ideias. Esse raciocínio é questionado por Descartes, que acreditava que a percepção do mundo está dentro do ser humano, “penso, logo existo”, dessa forma criando uma concepção de identidade ligada à própria capacidade de refletir sobre as coisas. Tal visão flerta com a de Santo Agostinho, este que, marcado pela religiosidade, acreditava que o indivíduo tem sim a percepção da sua interioridade e uma noção de exterior onde ele vai buscar a noção de bem e mal.

Esses são os três primeiros pensadores mobilizados por Taylor (2011) em sua obra “As fontes do self”, e eu não os juntei no mesmo parágrafo por acaso. Apesar de não me aprofundar nos pensamentos deles, citá-los não foi algo gratuito: eles são importantes para a construção de uma conceituação mais concreta, e que se aproxima mais objetivamente com o tema dessa monografia, a partir de agora.

E por falar em objetividade, podemos dar uma pincelada sutil no naturalismo, que buscava ver o sujeito e a noção de valores por uma perspectiva objetiva, o que para Taylor (2011) é impossível, o eu é inerentemente subjetivo.

Dito isso, podemos iniciar uma nova fase dessa contextualização que parte no conceito de Utilitarismo, que diz que o ser humano tem que se aproximar daquilo que é bom e se afastar do que é mau. Um conceito que soa objetivo, mas que se trouxermos pro campo da identidade, torna tudo ainda mais subjetivo, uma vez que a concepção de bom e mau é individual, apesar de afetada pelos sentidos atribuídos pela sociedade em outra medida.

A sociedade pós-reforma protestante vem com uma visão intimamente ligada ao conceito desse trabalho e conseqüentemente importante para formação do nosso conceito

moral por Taylor (2011). Martinho Lutero questiona a igreja e faz com que os valores que existiam até então entrem em declínio. Mas para sustentar uma sociedade é preciso a existência de valores e dessa forma começa a surgir um novo valor, o **valor do trabalho**.

O sujeito deixa de se destacar por sua ascendência nobre e passa a se destacar pelo seu próprio trabalho, seu próprio esforço, o que ele produz. Trata-se da construção de uma visão meritocrática, que estabelece uma ilusão de igualdade, correspondendo a uma forma, na época, nova de se enxergar a relação de identidade no mundo.

Derruba-se então o pensamento que sustentava a nobreza e cria-se o pensamento do trabalho, pilar do capitalismo. E como já conhecemos a história do capitalismo, ele muda a forma em que o ser humano existe no mundo de um jeito drástico. E foi no início da revolução industrial que o movimento romântico do iluminismo também veio com tudo e que precisa ser citado para um aprofundamento no conceito de *self*. Rousseau traz a visão de que o sentimento também é algo importante para o ser humano, fugindo daquela ideia inicial de Platão, a respeito da razão acima de tudo.

Começa-se a visualizar o poder da experiência, onde os valores são gerados a partir dos sentimentos. Dessa forma, os sentimentos estariam ligados à forma como o ser humano se posiciona no mundo, como o ser humano existe e se define. E nessa perspectiva da valorização da experiência na construção da noção de subjetividade, trago uma citação de Cardoso (2007) que exemplifica isso:

A construção da subjetividade pode ser entendida a partir das representações das vivências e experiências de um sujeito[...] individual e socialmente construída, é determinada e determinante das ressignificações e dos sentidos de ação, ao mesmo tempo em que é instituída e instituinte dessas ressignificações. Ela é definida pela dinâmica existente entre biografia e a história, mediada pela noção de experiência (Cardoso, 2007, p. 34)

Retornando à conceituação de Taylor (2011) após essa breve reflexão, vemos que com a valorização da experiência também ocorre uma ênfase na sensibilidade e desse pensamento surge a tese do bom selvagem. “O ser humano é bom, mas a sociedade o corrompe”. Mas afinal o ser humano nasce bom? Nasce mal? Nasce neutro? Independente da resposta, conclui-se que apenas um pensamento sensível poderia mudar o mundo.

Com o capitalismo cada vez mais estruturado e crescente, vê-se que a noção de coletividade perde força enquanto a vida privada ganha uma hiper importância. E as grandes inovações tecnológicas tornam essas mudanças sociais cada vez mais visíveis, intensas e

rápidas, dando os primeiros vestígios da globalização. Vemos assim um sujeito cada vez mais atravessado por tecnologias, que se atualiza em níveis gradativamente mais acelerados.

Nesse contexto de uma sociedade racional, Taylor (2011) cria a ideia da expressão humana. O ser humano se torna mais importante, o seu direito de se expressar se torna mais evidente. O fator comunicacional se torna muito forte.

A expressão se torna um novo ponto de demonstração do “eu”, e que chega em seu ápice extremo no século XXI. E se por um lado isso se mostra importante na construção identitária moderna, e na capacidade de dar holofote a sentidos até então pouco questionados, por outro evidencia mais um dilema do contemporâneo.

A partir do fácil acesso à tecnologias e pela rápida disseminação de informação pelo globo promovidas em grande maioria pela criação das redes sociais, começa a surgir um movimento de espetacularização da vida, que é descrito por Paula Sibilia (2016) na sua obra “O show do Eu”. Segundo ela, ocorre um movimento onde a minha vida importa muito, a vida de todo mundo importa muito. Cria-se um eu inflacionado, hiper-exposto. Você é atravessado pela necessidade de estar conectado nas redes. Retira-se o fator humano e começa-se a ver um movimento de objetificação contemporânea do ser. Você é um instrumento do entretenimento alheio, um objeto, deixando de ser um indivíduo por si só. Isso em outra medida também pode ser compreendido por Zorzanelli e Ortega (2011), no artigo “Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea”:

No mundo contemporâneo, a intimidade se volta para fora para encontrar um olhar que a reconheça, lhe atribuindo sentido e valor, deixando de ser um refúgio secreto para se tornar a matéria produzida na presença explícita do outro (Zorzanelli e Ortega, 2011, p. 32).

Em um nível simplista, podemos dizer que isso flerta com o naturalismo, nessa questão da objetividade, e isso acaba evidenciando o quanto o mundo é feito de ciclos e não assume um caráter sempre evolucionista, qual seja, o caráter do progresso como muitos querem propor e que se mostra insustentável a partir de um olhar sensível.

Mas quanto à percepção de Taylor? No final de sua análise histórica, ele conclui que a moralidade contemporânea é uma mistura de tudo isso, todas as concepções filosóficas no decorrer das eras trazem um pouquinho da verdade. Às vezes a concepção moral se mostra harmoniosa, às vezes antagônica. No fim sempre será um fino equilíbrio de percepções contrastantes e que se agregam construindo uma estrutura mais sólida com o tempo.

2. Subjetividade e ideologia do progresso: o lugar das organizações modernas

A partir da mudança do valor social pré-estabelecido no nascimento para um valor ligado ao trabalho, a sociedade fica diante de uma visão meritocrática do “ser” após a reforma protestante de Lutero. Vê-se uma intensificação na percepção de progresso e, diante de um mundo que valoriza o esforço, o progresso passa a ser visto em um nível individual, ligado à nossa identidade como conceitua Benjamin (1987). Nós acabamos sendo responsabilizados pelo progresso, e, dessa forma, tendo que assumir também essa responsabilidade pela manutenção das organizações criadas na era moderna. E é sobre isso que esse tópico vai tratar, a partir da mobilização das reflexões de Rennan Mafra, Hannah Arendt e Walter Benjamin.

Antes de analisarmos as organizações em si, é importante compreendermos quem estava no poder em um mundo recém institucionalizado, pois isso diz muito sobre o nascimento dos processos e a sua cristalização no decorrer dos séculos. A revolução tecnológica partiu dos países de primeiro mundo, dessa forma podemos dizer que as instituições modernas nasceram em um berço europeu, ainda dominado por homens. Dessa forma, seus líderes acabavam seguindo um estereótipo comum que eram homens adultos, brancos, heterossexuais e com uma boa situação econômica. E isso no final das contas fazia com que os interesses dessas instituições modernas girassem em torno desse grupo específico, gesto este que, *a priori*, considerando a concepção moral e cultura da época, não foi necessariamente problematizado. Mas, com o passar do tempo, tal quadro se mostrou como algo insustentável para todo e qualquer grupo que fugisse desse estereótipo, que mesmo estando no poder em níveis organizacionais representava uma minoria do todo em quesitos populacionais.

Dito isso, se as instituições modernas foram criadas por um perfil específico em prol dos seus próprios interesses e perpetuando seus valores pessoais. Como grupos diferentes desse estereótipo padrão se encaixariam nelas e quais seriam as suas funções uma vez essas instituições não foram pensadas em essência para recebê-las em seu cerne? Como garantir a manutenção de um ideal e de uma organização que inerentemente faz um apagamento de uma parte de mim? Se preciso me silenciar para co-habitá-la, o caminho talvez seja continuar esse ideal meritocrático que surgiu a partir do **valor do trabalho**.

Se a minha cor já faz com que pressuponham coisas sobre mim, eu tenho as mesmas possibilidades? Se a minha sexualidade já limita os espaços em que eu posso existir, o meu

trabalho tem o mesmo peso das demais pessoas? Se o meu gênero delimita minhas capacidades, eu posso escolher livremente o que eu quero ser? Se a minha condição financeira determina os espaços que eu posso frequentar, podemos dizer que vivemos uma sociedade acessível? O que eu sinto importa ou eu tenho que aceitar o fato de que essa é a realidade, e ela é sólida e imutável? Afinal, mesmo não tendo realizado a Ruptura, não tem muito o que eu possa fazer não é mesmo? É melhor me sujeitar ao sistema se eu quiser continuar vivo.

E é a partir dessas indagações que conseguimos já perceber uma crise dessas instituições contemporâneas. Mafra (2021) mostra como o *self* pontual, conceito descrito por Taylor (2011), acaba por definir isso, listando pontos que traduzem o *modus operandi* dessas instituições modernas:

Por esses termos, o self pontual torna-se a própria inscrição, nos corpos e no tecido social, do projeto da modernidade. Tal projeto prescreve, portanto, um espaço de experiências centrado a) num ideal de razão como qualidade emancipatória universal; b) numa prática de domínio da “natureza” e das emoções no corpo; c) na imposição de uma mitologia branca (HADDOCK-LOBO,2020), que desconsidera, extermina, violenta e coloniza identidades, saberes, corpos e sociedades distintas de um ideal europeu, branco e patriarcal de sociedade; d) no desenvolvimento da técnica como horizonte hegemônico à ampliação de supostas capacidades humanas universais; e e) na materialização de rotinas, práticas e instituições. (Mafra, 2021, p. 92).

Temos então aqui uma realidade pautada pelo progresso, que acaba por atropelar o tempo da experiência com prazos, expectativas e exigências irreais. Você não tem tempo pra pensar sobre quem é, você não tem tempo para a experiência, esta última que, como vimos no tópico anterior, a partir do romantismo se torna muito importante para nossa concepção de identidade. E que como Nietzsche conceituou “o indivíduo é mais que as contenções do mundo podem oferecer pra ele”, e que faz todo sentido se aplicado ao contexto das instituições modernas que nos atravessam com sentidos previamente atribuídos.

O progresso acaba por nos tirar o direito de escolha, o direito de se ser e, segundo Walter Benjamin (1987), a história começa a se apresentar como uma espécie de linha/ curva ascendente, como temporalidade posta sob exclusiva direção, prescritora de um único sentido possível e universal aos seres humanos.

Esse sentido rumo a um futuro idealizado faz com que o sujeito seja negligente com seu passado, que seria o melhor referencial para compreender a sua localização no presente. Segundo Mafra (2021), podemos conceber essas organizações modernas em três esferas:

O estado, que garantiria a manutenção de progresso em níveis territoriais e governamentais, regulamentando e gerenciando o sistema; dessa maneira, agindo de forma a

garantir a sobrevivência e perpetuação do mercado e financiar a ciência, desde que essa também esteja alinhada com os valores de progresso pré-estabelecidos.

O mercado, que garantiria a manutenção do progresso em níveis econômicos. E que rege toda a discussão de trabalho pautada até aqui. Agindo de forma a subsidiar recursos para o Estado e se atualizar a partir da ciência a fim de gerar cada vez mais retorno.

E a ciência, que garantiria a manutenção do progresso em níveis intelectuais, instituição que, portanto, diria sobre a inovação técnica dos processos. Mas aqui vale destacar uma visão utilitarista da ciência, onde existiriam dois tipos de ciência, a que serve, que é a que gera uma mudança prática e rentável ao sistema, e a que em tese não serviria, ou não teria tanta relevância, que busca fazer um questionamento dos métodos existentes e dar holofotes às crises desse sistema. À ciência cabe garantir que o mercado sempre se inove e dessa forma prestar contas da sua utilidade ao Estado.

Apesar dessa subdivisão epistemológica, as organizações modernas são todos os ambientes que vivemos no nosso dia a dia, desde a escola em que vamos que se encaixa em ciência, a padaria que se encaixa no mercado, ou a prefeitura que se encaixa no Estado. Mesmo organizações não-governamentais, possuem algum tipo de relação com um desses três pilares modernos, segundo Mafra (2021) afirma em seu artigo.

Um fato interessante de se ressaltar como sintoma das organizações modernas serem pautadas pelos valores da época de sua criação são como os espaços científicos ainda se mostram elitizados por exemplo, tanto em questão de acesso, quanto em questão de métodos, que transcrevem os processos de uma forma ainda pouco acessível à sociedade no geral. Resquícios de uma visão hierárquica que vem lá atrás com pessoas que estavam acostumadas a estar em posições de poder, e dessa forma não tornar o poderio acessível ao povo.

Considerando esse contexto, Mafra (2021) traz em seu artigo duas citações pontuais que definem de maneira simples e concisa essas organizações: “construções racionais voltadas a objetivos comuns (ETZIONI, 1984) ou espaços complexos pautados por regras, hierarquias e modalidades de gestão (URIBE, 2007)”

Dessa forma, a partir das análises de Benjamin (1987) e Mafra (2021) podemos entender as organizações contemporâneas como espaços que instrumentalizam a vida uma vez que coagem as pessoas a seguirem valores pré-estabelecidos e um ideal utópico de progresso, deixando nenhum ou pouco espaço para experiência que como visto no tópico anterior é de suma importância para construção da identidade humana. Isso gera uma crise do contemporâneo, onde a sociedade sucumbe em si mesmo. E isso pode ser observado em uma

sociedade enferma, onde o tópico saúde mental está cada vez mais em pauta e onde as discussões sobre o quanto o sistema está desgastado nunca estiveram tão em evidência.

Dutra (2012) também disserta em seu artigo “Direitos fundamentais sociais à afirmação da identidade e à proteção da subjetividade no trabalho” sobre como esse sistema acaba coagindo a classe trabalhadora a corresponder suas expectativas sobre-humanas:

Assim, não basta mais para o capitalismo contemporâneo a imposição de jornadas extenuantes, exigindo do corpo do trabalhador até o limite da exaustão. O novo modelo produtivo quer, além dessa dimensão do trabalho, o comprometimento psicológico dos obreiros, que devem vestir a camisa da empresa, trabalhar durante toda a jornada sem tempos mortos, num ritmo intenso, comprometer-se com os resultados, fiscalizar a si e aos demais colegas. (DUTRA, 2012).

A tentativa de centralização do sentido da vida em um único rumo é adoecedora e promove o apagamento de diversas violências que acabam sendo normalizadas. Outras crises da humanidade, tão relevantes quanto crises institucionais, crises humanitárias acabam por se tornar secundárias diante ao progresso.

Apesar disso, como considera Benjamin (1987) e citado por Mafra, o horizonte histórico moderno é sagaz no modo como lida com o tempo, o que torna improvável seu auto-desmoronamento. É nessa toada que emergem compreensões sobre a contemporaneidade (KOSELLECK, 2001).

Superar é uma palavra que não faz sentido uma vez que vivemos campos comunicacionais múltiplos que ressignificam conceitos já observados a todo momento. Nada é concreto em um mundo em movimento, mesmo que passe pelo crivo da razão. Mas apesar do passado ser insuperável, deveríamos parar de tentar apagá-lo e sim acolhê-lo, aceitá-lo e tentar aprender algo com ele, para que assim possamos construir um sistema que consiga compreender a diversidade dentro de si. Mas ainda temos um grande desafio para isso como colocado por Mafra (2021) em citação a Baldissera (2009):

Se o desconforto existencial provocado pelas diferenças for tão intenso a ponto de produzir: a) paralisias no tempo cronológico; e b) críticas ao próprio progresso, parece-me que suas emergências tendem a ser castradas/ignoradas/desqualificadas por falas oficiais, ainda que as mesmas continuem a ser tematizadas em espaços de conversação informal - sobretudo na organização falada, em referência a um conceito caro a Baldissera (2009).

Para não encerrar esse tópico de maneira fatalista, podemos trazer Hannah Arendt (2007) , que diz que a possibilidade por si só de se manifestar publicamente as diferenças já é

um modo de ampliar as possibilidades de autorrealização da vida humana, nos contextos contemporâneos

A tecnologia proporcionou muitas revoluções, dentre elas a que eu considero mais importante que é a revolução comunicacional. Ela conseguiu democratizar a palavra, dar voz a pessoas que antes não poderiam falar e trazer holofote a inúmeros sentidos atribuídos até então inquestionáveis, e que a partir desse momento foram mais do que nunca questionados. A possibilidade de visualizar que o sentimento da massa ia em contraponto ao que era dito que deveriam sentir trouxe mais dúvidas que respostas, mas também trouxe muita polarização. E em busca de uma ampliação das possibilidades de se ser, vê-se um paradoxo onde quanto mais se tem, mais os caminhos se assemelham.

3. Uma breve contextualização da análise

Dadas as devidas conceituações é o momento de analisarmos a série pelos diversos prismas levantados até então. No início foi complicado desenvolver uma estrutura que fizesse sentido para mim, como já dito lá atrás, eu queria poder construir o meu caminho, na toada da abordagem afetiva, um processo que levou tempo, mas que trouxe uma sub-divisão de análise que se ramificou no fim em nove sessões, que creio eu, contemplam tudo que queria falar e todos os pontos mais importantes da série. Talvez seja irônico a divisão em nove partes, uma vez que flerta com a divisão da série em nove episódios. Coincidência ou não, é um fato que merece ser mencionado. As análises, a seguir, serão um supprassumo de caos e ordem combinados. E as contextualizações serão dadas à medida que se apresentam. Mas duas conceituações se mostram importantes para termos que serão utilizados muitas vezes durante a análise: a palavra sentido, que toda vez que citada pode ser compreendida como algo que mira a um futuro, nos embalos de Benjamin (1987). E a palavra sistema, que não diz somente sobre o sistema econômico que fazemos parte, mas de uma forma mais ampla pode ser compreendida, como todas as instituições contemporâneas, contempladas pelo Estado, Mercado e Ciência (Mafra, 2021), e pelas interações sociais, que em boa parte estão sujeitas a esses três pilares, mas não só a eles. Dito tudo isso, podemos começar a analisar a série:

3.1 Mark Interno x Mark Externo: Duas versões de um mesmo ser



Figura 6: Mark no Departamento de Refinamento de Macrodados
Fonte: Ruptura, 2022

É claro que na vida nós acabamos desenvolvendo várias versões de nós mesmos, que se alteram à medida em que o contexto muda, mas no geral cada versão seria mais uma adaptação do que seria um conceito base que uma pessoa nova e independente. É apenas um lado que pode ser acessado, em tese, na hora que quisermos e precisarmos dele.

Essa visão muda quando colocamos o conceito de ruptura no jogo, uma vez que as partes não possuem consciência uma sobre a outra, e agem de formas independentes. E mesmo que ambas coabitam um mesmo corpo, para entendê-las melhor talvez o ideal seja separá-las.

Dessa forma, para tornar um pouco mais clara a análise, é preciso conceber as duas versões do Mark como duas pessoas diferentes. O intuito é o de traçar assim seus dilemas individuais e visualizarmos como o mesmo sistema decai sobre cada parte de formas diferentes, mas iguais ao mesmo tempo dependendo somente da perspectiva que se aplica.

Sendo assim, começaremos com o Mark Externo. E antes de falar sobre sua vida em si, queria trazer uma reflexão sobre o fato dele ser considerado o Mark “verdadeiro”, e dessa maneira mais essencial, por ter sido a pessoa que escolheu se submeter ao procedimento de ruptura e assim possibilitou a existência do Mark Interno. É interessante aqui se questionar o que dá forma à esse Mark para ele ser considerado a versão real, podemos trazer várias teorias sobre isso, mas queria ressaltar dois pontos que pretendo trabalhar no decorrer dessa análise que são o fato dele ter uma história, um passado que cria justificativas para o que ele

veio a se tornar, e o em teoria livre-arbítrio de escolher o que vai fazer consigo, que no caso da série é a Ruptura.

Dito tudo isso, podemos começar a falar sobre quem é o Mark Externo e suas escolhas. Pouco do seu passado é apresentado na série, mas informações suficientes para entendermos os fatos que se sucedem. Mark era um professor universitário, casado, e teoricamente feliz, mas também podemos pensar sobre o que é ser feliz na sociedade em que vivemos. Com pais falecidos, ele também possuía uma irmã e um cunhado, com quem mantinham uma interação constante. Conforme é retratado no decorrer dos episódios o Mark e a sua esposa, e sua irmã e seu marido, faziam várias atividades em família. Mas tudo isso ruiu, quando a esposa de Mark, Gemma, faleceu em um acidente de carro.

Esse acidente não levou só a esposa de Mark, levou todo um sentido de vida que ele havia construído no decorrer dos anos. E nesse ponto eu queria levar essa narrativa para duas vertentes, a primeira sobre uma visão coletiva, analisando brevemente a posição social de Mark e a segunda sobre uma visão individualizada, analisando os impactos da falta de sentido nele.

Sendo assim, eu queria fazer uma breve pausa na história de Mark para trazer uma análise do conceito de vida feliz que é descrito socialmente, que nos aproxima do que é considerado bom e nos afasta do que é considerado ruim, tal qual o utilitarismo definia. A vida de Mark estava muito pautada nessa concepção de família: ele tinha um emprego bom e estável como professor universitário, provavelmente bom salário, uma boa esposa, e planos de terem filhos juntos; ou seja, uma vida íntima que contemplava todas as definições sociais do que é ser bem sucedido. Taylor (2011) descreve o que é visto como felicidade após a reforma protestante da seguinte forma:

A vida humana plena agora é definida em termos de trabalho e produção, de um lado, e casamento e vida familiar de outro (Taylor, 2011, p. 276).

Se não bastasse ele ter bem estruturados os dois polos de uma vida considerada plena, o que o dava um sentido rumo a um futuro individualmente promissor, Mark era um homem branco, hétero e com uma condição financeira agradável aparentemente desde sempre. Logo, se considerarmos que o sistema foi formado por pessoas com essas mesmas características, em prol dos seus próprios interesses, vemos que o caminho de certa forma estava facilitado a ele, que desconhecia até então essa impossibilidade de sentido, nos moldes sociais pré-instituídos.

A morte da sua esposa apresenta uma ruptura com esses valores sociais. De uma hora para outra ele já não tem mais uma companheira, o conceito de família acaba por se deteriorar e o plano de ter filhos também cai por terra. Sua angústia diante a perda o faz vulnerável, o que acaba tendo impactos no seu até então ótimo emprego: ele perde a capacidade de dar aulas e acaba saindo da universidade. O Mark então perde o sentido de vida que é socialmente associado a uma existência feliz e bem sucedida. E se torna um solteirão, solitário e com um emprego moralmente duvidoso desde que entra na Lumon.

Aliás, é importante refletir sobre o porquê ele quis entrar na Lumon: abalado diante a perda, e incapaz de focar no trabalho como deveria, ou como o sistema diz que deveria. Mas obrigado por esse mesmo sistema a se movimentar para garantir sua subsistência, ele acaba por escolher um emprego que pudesse realizar sem se dar conta. Um emprego que conseguiria fazer sem levar sua dor junto e assim pudesse executá-lo e se manter nele.

Quantas vezes nos percebemos em situações em que nosso tempo de processamento é cerceado. O sistema nos atravessa e nos força a nos movimentar, e mesmo sem forças precisamos encontrar uma forma de continuar. Claramente o Mark precisava de mais tempo para restabelecer um sentido concreto para sua vida. Mas diante da rapidez do sistema, ele foi forçado a tomar uma decisão, que de certo modo se mostrou um tanto quanto questionável, mas que foi o máximo que ele foi capaz de fazer diante ao contexto que se apresentava à sua frente.

Mesmo me compadecendo de Mark nessa coerção do sistema em cima dele, é preciso trazer algumas problematizações: uma delas é que mesmo que a Lumon se mostre como uma empresa moralmente questionável, ela oferece alguns benefícios interessantes a ele, além de aparentemente pagar um bom salário também. É de se considerar um privilégio por um certo parâmetro Mark ter conseguido abandonar seu bom emprego como professor e ter conseguido outro que mantivesse ou até aumentasse os seus padrões de vida individual na mesma medida que o tirasse do sofrimento por um tempo. É de se questionar, talvez, se todos teriam a mesma possibilidade que Mark. E como já conhecemos a resposta, não teriam. Essa reflexão aleatória pouco acrescenta à análise da série em si, mas considero importante trazê-la para que possamos entender, que mesmo que o sistema recaia sobre todos, ele será menos piedoso com alguns grupos enquanto facilitará a ascensão de outros.

Após toda essa contextualização do Mark Externo, é o momento de apresentar o Mark Interno: um funcionário do Departamento de Refinamento de Macrodados da Lumon desde do seu “nascimento”. Sim, ele trabalha desde que nasceu, e ao ler isso você pode se questionar: então ele é um escravo? Talvez dê para associar essa situação a algo análogo à

escravidão, mas é realmente um dilema complexo que podemos destrinchar mais no decorrer que se apresenta.

O Mark acabou de ser promovido à chefe do setor após a demissão de Petey, antigo chefe. Pela promoção podemos traçar que Mark é um bom funcionário, que se enquadra nos requisitos de chefia desse emprego misterioso. Vale ressaltar que mesmo tendo “nascido” no trabalho, ele desconhece a profundidade do que fazem lá dentro, só conhecendo o que lhe foi apresentado, informações essas que não revelam muita coisa.

Aqui podemos pensar o quão tolerável para um ser humano é viver sob essas condições. Trabalhando eternamente, privados de informações e rapidamente silenciados em caso de insubordinação. Considerando a forma que funciona a Ruptura, talvez já dê para traçar alguns dos objetivos da Lumon com isso. Mas deixarei essas percepções para outra seção deste trabalho. Por ora, deixarei uma citação de Fonseca (2002), para reflexão a respeito das indagações propostas:

(...) estamos assistindo a um movimento entre tantos do cotidiano de desterritorialização dos 'eus', que poderiam ser entendidos como potencializadores da reinvenção da existência, ou (...) as experiências de desestabilização e estranhamento impostas aos sujeitos do trabalho além de provocarem o mal-estar inevitável (mas dotado, teoricamente, de potencial de superação e absorção), constituem-se em experiências traumáticas invertidas em sua potencialidade criadora, desejante, produtora (Fonseca, 2002, p. 23).

Voltando para o Mark Interno, no decorrer dos episódios, sua interação com Helly dá a entender que nem sempre ele foi esse funcionário exemplar e que sobre ele decaiu essa angústia existencial, de não saber quem se é, e de renegar aquelas ideologias que estavam sendo ensinadas a ele. Mas que ele foi se sujeitando à medida que o tempo passava e tomando consciência de que era praticamente impossível sair do sistema.

Mais um fator interessante de se ressaltar é sobre a eficácia da Ruptura, apesar de ambas as partes não reterem suas memórias, em alguns momentos questiona-se se emoções não conseguiriam se sobressair ao procedimento. Como quando no *episódio 3: Na perpetuidade* o Petey fala ao Mark a seguinte frase: “Você carrega essa dor com você, você a sente lá embaixo mesmo sem saber o que é”. Uma vez que ele fez o procedimento de reintegração que conseguiu reunificar o seu cérebro e possuía uma percepção das duas versões de Mark, ele conseguiu ver que apesar de duas pessoas diferentes, algo em comum os unia, e isso seriam suas emoções. Fato que ganha peso se pensarmos que constantemente antes de entrar na Lumon, o Mark se debulhava em lágrimas, e que levantava teorias

internamente de por que seus olhos pelas manhãs sempre estavam vermelhos. “Talvez o amor transcende a ruptura”.

Antes do fim dessa sessão, vejo como importante evidenciar então como o sistema decai de forma igual sobre as duas versões de Mark, coagindo-os a agir rumo a sentidos já atribuídos do que é considerado bom ou não, seja em níveis individuais, seja coletivos, alguns destes mais toleráveis, outros nem tanto; e de formas diferentes, no que diz respeito às áreas da vida que esses sentidos correspondem e os caminhos que eles mobilizam.

3.2 Mark Interno x Helly Interna: Paralelos, mas opostos

E se você acordasse em um lugar desconhecido, sem suas memórias, apenas com uma voz lhe fazendo perguntas que você não é capaz de responder, o que você faria? Como se sentiria? Se tirássemos as interações sociais que nos permitem ter reações específicas para determinadas situações, como reagiríamos a isso? Você eu não sei, mas a Helly não reagiu nada bem. E é o momento de introduzi-la na análise, em uma primeira instância de uma forma individual, sua apresentação e suas ações no decorrer da série. Vale ressaltar que aqui trarei mais uma percepção da Helly Interna, com breves pinceladas da sua versão externa, uma vez que no caso dessa personagem sua eu “verdadeira” aparece bem menos e serve mais para entendermos a complexidade da situação na Lumon e paralelamente como isso também faz referência ao social.

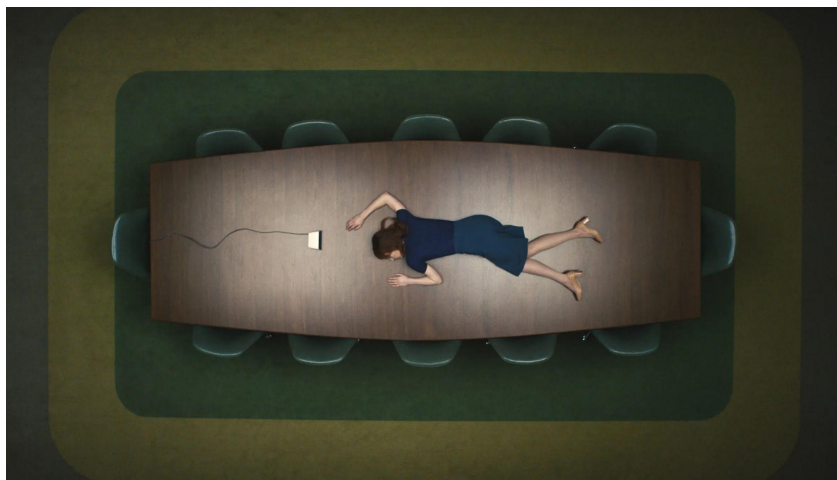


Figura 7 - Helly na primeira cena da série
Fonte: Ruptura, 2022

Dito tudo isso, a série começa com a Helly deitada numa mesa do que parece ser uma sala de reuniões dentro do setor de Ruptura da Lumon. Logo que acorda, é indagada pela pergunta “Quem é você?”, pergunta que, como eu disse lá no início desse trabalho, foi a primeira frase da série. E quem era a Helly? Ela não sabia. E essa percepção de desconhecer-se associada à vulnerabilidade de estar presa em um ambiente estranho a faz querer sair daquele sistema o quanto antes. Isso não é possibilitado enquanto ela não responda o teste de memória que os funcionários são submetidos ao entrar no setor de Ruptura da Lumon. Quando é atestado que ela não lembra quem é fora do trabalho e que o procedimento foi bem sucedido, começam-se as tentativas de integração da Helly naquele ambiente. E aqui inicia uma saga bem diferente da do Mark, que abala as estruturas até então estáveis daquele sistema.

A Helly não se conforma com a alienação. Ela quer saber quem é, como se um novo sentido tivesse sido estabelecido à medida que ela perdeu os seus sentidos externos: o sentido de se conhecer, a busca pelo autoconhecimento. Dessa forma, já no início ela pede demissão, o que aparentemente é concebido a ela. Mas antes de dar continuidade à história eu preciso trazer uma frase do *episódio 5: a cruel barbárie da Óptica e design* que vai fazer todo sentido mais tarde: “A maneira mais segura de domar um prisioneiro é deixá-lo acreditar que está livre”. É, Helly não estava livre, ela só acreditava que estava, e ao ser levada à saída, ela sempre voltava para dentro da Lumon de uma forma até então misteriosa. Sua “eu” interna queria sair, mas sua “eu” externa queria voltar para dentro. Mas por quê? Essa questão soava tão sem resposta que fez Helly questionar se havia falecido. “Eu tô morta? Isso é o inferno?”.

À medida que os episódios passam, vemos a Helly sendo submetida aos valores da Lumon, ao sentido de trabalhar ali que eles queriam que ela acreditasse. Mas a cada rito empresarial, a cada dia igual e repetitivo a que se submetia uma vez que a sua vida era sempre ali, vemos a sua angústia. Ela não dormia, só era capaz de sentir os efeitos do sono da sua versão externa. Ela não tinha momentos de respiro, só entrava no elevador e era como se, segundos depois, voltasse, com uma roupa diferente, mas como se não tivesse passado tempo algum, presa nesse *looping*, ela tentou de diversas formas se comunicar com sua versão externa para demonstrar sua insatisfação, mas todas sem sucesso, uma vez que o departamento era especialista em fazer com que nada de dentro saísse e nada de fora entrasse. Até que, em um determinado momento, ela ameaça cortar os próprios dedos se não pudesse gravar um vídeo para sua versão externa pedindo a demissão, o que por desespero dos chefes é concedido e a resposta expõe um lado obscuro desse sistema.

Eu entendo que está infeliz com a vida que está vivendo... mas um dia todos nós teremos que aceitar a realidade... Eu sou uma pessoa, você não é. Eu tomo decisões, você não. E se você fizer alguma coisa com os meus dedos, saiba que eu vou mantê-la viva tempo o suficiente para se arrepender. Seu pedido de demissão foi negado (Helly Externa, Ep 4: O você que você é).

E como diz o título do episódio e vale a pena se indagar, quem é o você que você é? Você sabe? Pois a Helly não sabia. Receber essa resposta foi decerto frustrante. Essa era a afirmação de que para sua versão externa ela só era um objeto, e não uma pessoa nova e independente, fato este que demonstrou seu controle por ser a Helly “verdadeira” e sua apatia em ver a sua versão interna sofrer em um trabalho sem propósito.

Apesar de parecer surreal, nós também fazemos isso, claro que em um grau muito menor, mas nos submetemos a certas experiências durante a vida em prol dos nossos objetivos, mesmo que elas por si só não correspondam a quem a gente, em tese, é de fato. Mesmo que nos façam cair em possíveis sofrimentos. Nos tornamos objetos em prol de outros sentidos pré-estabelecidos, como se uma ação fosse, obrigatoriamente, desencadear outra que esperamos. O que se prova questionável, uma vez que nada é garantia de nada.

Mas retornando à trajetória de Helly, abandonada por ela mesma em um ambiente desconhecido e sem vínculos que promovessem algum acolhimento, apesar dos esforços de Mark e demais funcionários da Lumon de integrarem-na, Helly se vê em um beco sem saída. E em um ato de desespero, ela tenta suicídio. Não era suportável para Helly a ideia de que sua vida ficaria fadada àquele sistema sem fim. E ela não estava disposta a ceder aos ideais impostos a ela. Qual o sentido disso tudo? Talvez a única esperança seja a perspectiva de mudança, de transformação e se isso nos é cerceado, não resta mais nada.

Esse não foi o fim de Helly, até porque sem ela a série não poderia continuar e nos entregar ainda mais material para análise. Ela foi salva por Mark, e sua “eu” externa ficou internada por algum tempo. Mas por algum motivo, ela escolheu voltar para a Lumon, mesmo após a quase morte gerada pela sua “eu” interna como uma súplica para que a deixasse livre daquele sistema. Podemos refletir se ela não voltou justamente para mostrar o seu poder diante a outra versão. Como ela disse anteriormente, ela é um ser humano, a versão interna não é. E ela aparentemente está disposta a tudo para sujeitar sua outra parte, para que ela obedeça aos propósitos da empresa e os seus propósitos individuais que ainda aparentam misteriosos.

Apesar de voltar silenciada pelo trauma, e pela impotência, Helly ainda mantém a sua insatisfação pelo sistema, mas começa a se sujeitar para que as coisas se tornem um pouco mais favoráveis. Ela começa a jogar o grande jogo que é o sistema.

Antes de encerrar essa sessão, é importante trazer o paralelo que a nomeia. Porque eu quis fazer essa reflexão entre esses dois personagens que são os mais importantes na narrativa que ocorre dentro da Lumon? Ao contar a história deles, vemos dois personagens que partiram de um mesmo ponto. Ambos questionaram o sistema e não entenderam o sentido de estar ali *a priori*. Mas diante a toda manipulação, punição e silenciamento da empresa, o Mark acabou se sujeitando e acreditando naquele ideal, muito disso também foi fruto da sua relação com Petey, que foi uma rede de apoio para que aquele sistema se tornasse um pouco mais tolerável. Seriam vínculos saudáveis uma forma de resistência ao sistema? Outro ponto que podemos questionar. Por outro lado, a Helly não se conformou facilmente, se manteve rebelde e contestadora. O Mark poderia ter sido aquele que geraria uma desestruturação daquele ambiente, mas acabou se conformando - diferente da Helly que desde o início da série se mostra como o agente transformador, aquela que veio para romper com os padrões pré-estabelecidos.

3.3 Duas vezes dois: Analisando o departamento de Refinamento de Macrodados

A melhor e a pior parte de conhecermos pessoas novas talvez seja a possibilidade de entrarmos em contato com novas perspectivas sobre o mundo, visões até então desconhecidas sobre os mesmos assuntos. Isso é bom na medida que expande a nossa percepção, e mostra que o que sabemos é muito pouco, nos dá mais embasamento para enxergar a vida, nos dá conhecimento, nos liberta de certa forma, uma vez que nos mostra que a nossa visão diz muito pouco sobre a realidade e expõe que, apesar de sermos animais racionais, ainda somos muito pequenos diante a tudo que existe. Por outro lado, ser contestado muitas vezes gerará um desconforto, uma tensão entre sentidos e interesses opostos e que se mal direcionados podem gerar mais problemas que soluções. Vemos então duas faces de uma mesma moeda: como uma mesma ação pode gerar integração ou polarização.

Mas o propósito de toda essa reflexão no final das contas é dar início a uma nova seção deste trabalho. Se até então discutimos sobre Mark e Helly, não podemos esquecer que eles não são os únicos funcionários do setor de refinamento de macrodados na Lumon. Ainda temos o Dylan e o Irving. E a parte mais interessante é que eles se apresentam como duas pessoas praticamente opostas ao Mark e a Helly. E aqui eu queria apresentar um pouco as personalidades deles, e como eles foram se transformando à medida que os eventos gerados após a chegada de Helly se deram.



Figura 8 - Da esquerda para a direita, Mark, Irving, Dylan e Helly no corredor da Lumon
Fonte: Ruptura, 2022

Começando pelo Dylan, vemos um homem extremamente conformado com a situação que está vivendo e que acaba encontrando um sentido nos ritos empresariais. Mas que não necessariamente acredita neles fervorosamente, apenas vive, porque “é o que tem”, não é o cenário mais confortável, mas como ele desconhece quem é, acaba tentando construir um ambiente minimamente agradável para se viver uma vez que sabe que estará ali até a sua “morte”. Ele aproveita o fato de não saber nada sobre o mundo externo para criar teorias e versões utópicas ou distópicas sobre o mundo fora da Lumon. Até um certo ponto, o Dylan só está ali, questionando as escolhas dos demais, mas aparentemente desinteressado em confrontar o sistema, apenas querendo manter as coisas como elas sempre foram.

Não dá para julgar totalmente as escolhas do Dylan, ele também experienciou em alguma medida as aflições dos demais, mas optou por se adaptar e construir um ambiente que fosse tolerável de se viver para sempre. Quanto menos questões e mais indiferença, mais ele se protegia de um possível sofrimento ali.

Agora é hora de falar sobre quem é o Irving. O Irving definitivamente abraçou a camisa da empresa. Ele comprou os ideais e realmente vê sentido no que faz ali, apesar de também desconhecer os fins, igual a todos os outros. Leu o manual de valores da empresa, o qual conhece à risca e os aplica em todos os momentos. Admira o líder, e inveja o Mark pela sua conquista na chefia em um primeiro momento. Ele tenta vender essa ideia a Helly quando ela chega, o sentido do trabalho, que aquele lugar na verdade é bom e serve à um grande propósito:

“Não é natural uma pessoa não ter história. A história nos torna alguém, nos dá contexto, uma forma. E quando eu acordei naquela mesa eu estava sem forma, mas então descobri que trabalho para uma empresa que trabalha ativamente para sociedade desde 1866. Você faz parte de uma história agora (Helly). Uma história nobre.” (Irving, Ep 3: Na Perpetuidade)

O Irving acaba por ser nesse início da série uma espécie de materialização do conceito de valor do trabalho. Ele acredita na força do seu esforço, no progresso, na importância de manter aquilo por uma causa maior e coletiva. Ele vê sentido em estar ali, e se lembrarmos sentido como algo que nos direciona a um futuro como Benjamin (1987) define. Irving corrobora em prol dessa idealização criada e mesmo que a empresa aja de forma pouco ética com eles, ele procura justificar aquilo, já que se tornou subserviente ao sistema.

Dito tudo isso, temos até então, quatro pessoas muito distintas. Ambas “nasceram” da mesma forma, mas reagiram de formas muito diferentes aos ideais que foram impostos. Temos a contestadora (Helly), o prodígio (Mark), o indiferente (Dylan) e o alienado (Irving). É interessante refletir como o personagem que mais conhece os valores e funcionamento da empresa pode ser denominado como alienado. E isso se dá justamente pelo fato de que, apesar de ter devorado o conteúdo oferecido, ele apenas se sujeitou a ele, acreditando sem questionar, se permitindo se alienar.

Antes de dar continuidade a essa sessão eu queria justamente fazer uma reflexão sobre como os mesmos sentidos atribuídos reagem em pessoas que às vezes são provenientes de um mesmo grupo social, expondo um certo caos inerente ao sistema. Também queria trazer uma reflexão dos termos que utilizei para definir as personagens com um paralelo com a realidade. Não vejo o mundo como separações muito claras, mas é interessante pensar sobre essas quatro sub-divisões. Pessoas que conhecem a forma como as instituições funcionam profundamente e corroboram para isso conscientemente, prodígios. Pessoas que conhecem, mas buscam se isentar, indiferentes. Pessoas que desconhecem ou conhecem superficialmente, e acabam corroborando inconscientemente para a proliferação de certos ideais, alienados. E pessoas que agem como contraponto aos prodígios, conhecendo a forma como as instituições agem profundamente e as questionando em busca da construção de novos sentidos e, assim, perspectivas de futuro que englobem as suas demandas existenciais, contestadores.

Sendo assim, e voltando para a narrativa de Ruptura, o ponto de virada se inicia quando Irving conhece um funcionário do departamento de Óptica & Design, chamado Burt, e começa a ter sentimentos por ele. É como se a partir daquele momento ele tivesse

construído um novo sentido para sua existência, e diferente dos valores da empresa que foram atribuídos a ele, essa nova percepção partia dele mesmo. O contato com o novo o fazia se incomodar em estar ali pela primeira vez desde o início.

O único que ainda parecia se manter isento de todo esse movimento era o Dylan, mas tudo muda no momento que a sua versão interna consegue ter um breve acesso à sua vida externa e descobre ter um filho. Novamente um novo sentido para sua existência é formado à medida que ele quer descobrir mais a respeito da criança e da forma que vive.

Depois de traçar os caminhos de todos os personagens vemos então o ponto comum de toda essa análise: o sentido. Vemos como todos os personagens acabam reagindo à falta de um sentido para sua existência, ou seja, a falta de perspectiva de um futuro. Como o Mark Externo, na perda de um sentido, acaba se submetendo à ruptura. O Mark Interno, na ausência de um sentido, não necessariamente o encontra no trabalho, mas o atribui às relações. A Helly, justamente pelo fato de não saber nada sobre a sua história, se direciona à busca por ela mesma, uma vez que não encontra nenhum sentido dentro da Lumon. O Dylan, a priori, vê sentido nos pequenos ritos do cotidiano, mas à medida que entra em contato com sua vida externa, também vê que existem outras possibilidades de sentido para sua existência. E o Irving que em um primeiro momento encontra sentido no trabalho, diferente dos seus colegas, mas constrói um novo sentido uma vez que entra em contato com novas emoções e experiências.

Sentido... afinal qual é o sentido da nossa existência? Qual o sentido do nosso trabalho? Qual o sentido do caminho que estamos percorrendo nesse exato momento? Nós o construímos, ou apenas nos submetemos a um sentido previamente atribuído? Se o construímos, quem nos oferece subsídio para que possamos fazer escolhas do que queremos ser? Mas se apenas nos submetemos, quem impõe os papéis que devemos seguir e as ações que devemos executar?

3.4 Os que detêm algum poder

Segundo a definição formal, poder é o **direito de deliberar, agir, mandar** e, dependendo do contexto, exercer sua autoridade, soberania, a posse de um domínio, da influência ou da força.

O termo “poder” vem do latim *possum*, que significa “ser capaz de”. E essa capacidade se estende nas mais variadas áreas e definições. Sendo compreendido também

como a habilidade de impor a sua vontade sobre os outros, existindo de diversas formas, como o econômico, o social, o político, dentre outros. Mourão, Vinhola e Morás (2020), trazem em seu artigo: “Relações de poder e ciberdocilidade: dilemas éticos infocomunicacionais”, que Foucault (1997) tem uma compreensão de poder muito ligada à vigilância, esta por sua vez, que se encontra intimamente relacionada à manutenção de um controle eminente. Ele disserta que o poder disciplinar, como define, tem como objeto o corpo humano, com o intuito de domesticá-lo, dessa forma, temos um corpo “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (Foucault, 1997, p. 118).

O poder por si só não assume um caráter positivo ou negativo, só expõe a capacidade de seus detentores de submeter quem não o detém de alguma forma. O uso dele é que vai gerar algum juízo de valor efetivo. Dito tudo isso, podemos entrar em mais uma seção desse trabalho, que pretende agora apresentar aqueles que detém algum poder na série. Se até então estava trazendo apenas os funcionários que fizeram a Ruptura para análise, é o momento de trazer aqueles que não a fizeram, e que por si só já detém uma vantagem em cima dos demais. Durante a maioria dos episódios, somos expostos a duas figuras de poder que se mostram mais relevantes pela sua interação direta com os demais personagens: o Milchick e a Sr. Cobel.



Figura 9 - Sra. Cobel e Milchick
Fonte: Ruptura, 2022

O Milchick é uma espécie de supervisor do sistema, ele atua de forma mais próxima, quase como um representante de Recursos Humanos, coordenando as dinâmicas, ritos empresariais, e interagindo com os funcionários em situações mais cotidianas. Ele se mostra como uma pessoa superficialmente extrovertida, carismática, mas esconde uma personalidade

fria e cruel, embaixo de um sorriso que oprime pela exposição de um poder eminente. O Milchick age de uma forma legal, para que as pessoas gostem e confiem nele, mas a qualquer deslize, não tem piedade em punir os funcionários, principalmente com abusos psicológicos, uma vez que abusos físicos poderiam expor possíveis problemas dentro da Lumon. Isso é representado quando em uma das inúmeras tentativas de Helly de entrar em contato com a sua versão externa, ela é pega e levada para a Sala de Descanso. Sala essa que apesar do nome, não tem nada a ver com relaxamento, mas é um lugar de tortura onde ela tem que gravar um mantra vezes o suficiente para que acreditasse no que estava pronunciando.

“Perdoe-me pelo mal que causei a esse mundo. Ninguém pode espiar as minhas ações, exceto eu. E somente em mim essa mancha viverá”. (Helly - trecho do mantra - Ep. 4 - O você que você é)

No final de contas, o Milchick queria que ela acreditasse que ele estava certo, ela estava errada, e que ela lhe deve gratidão, uma vez que ele é tão *bondoso* para os funcionários da Lumon. A manipulação funciona como meio de se expandir o poder. Pessoas que acreditam se tornam fáceis de controlar.

“A vida na Lumon é protegida da morte”. “Sejam gratos”. (Milchick. Ep 2: Meia volta)

A segunda figura de liderança, hierarquicamente acima de Milchick, é a Sra. Cobel. Nela, temos um contraponto interessante ao Milchick: ele tenta mostrar uma personalidade mais sanguínea³, enquanto ela se mostra mais fria, distante, não tentando esconder o poder, o escancarado e usando disso como estratégia de dominação, recorrendo à coerção e ao medo como ferramentas de trabalho. Dentro da Lumon a Sra. Cobel tem uma persona muito estável. Ela apresenta um ponto comum com Milchick na medida que também manipula o Mark para dar a entender que suas atitudes problemáticas visam a evolução dele como funcionário.

Mas a Sra. Cobel não se limita aos corredores da Lumon, ela demonstra um lado mais obscuro do sistema, quando assume uma nova persona fora da empresa e se infiltra na vida privada do Mark Externo, adotando o pseudônimo de Sra. Selvig. Primeiramente como sua vizinha doce e solícita, mas com uma aura questionável, e em um segundo momento, ganha a confiança de Devon, a irmã de Mark, e se torna a cuidadora do seu filho recém-nascido.

³ Segundo a teoria dos humores, que subdivide as pessoas em 4 tipos de personalidades possíveis (Melancólico, Fleumático, Colérico e Sanguíneo), uma pessoa com uma personalidade sanguínea se caracteriza por ser mais extrovertida e otimista que a média, com emoções mais intensas que os demais humores. Fonte: Conheça os 4 tipos de temperamento. <https://www.voitto.com.br/blog/artigo/temperamentos>

Todo esse movimento expõe a obsessão do sistema em manter tudo sob controle, uma vez que não era necessário e nem recomendável que ela entrasse em contato com os funcionários fora da empresa, mas ela o faz para garantir a permanência de Mark e talvez verificar se ele, de alguma forma, poderia estar tendo contato com Petey, o que poderia prejudicar os objetivos da Lumon. Aqui podemos trazer novamente a questão da vigilância que Foucault (1997) define justamente como um dos principais instrumentos de manutenção do poder.

Vemos tanto em Milchick quanto na Sra. Cobel atitudes comuns em prol de um mesmo objetivo: manter os funcionários alinhados com o sentido atribuído pela Lumon às suas existências, cerceando qualquer tipo de mudança de rota. Suas atitudes guiadas pelos ideais do sistema visam evitar que os sujeitos construam por si só novos sentidos, é importante que eles se mantenham alienados e com o mínimo contato com ideias que os façam questionar o trabalho que fazem.

Antes do fim desta seção é importante citar que os superiores da Sra. Cobel na empresa a tratam do mesmo jeito que ela trata seus funcionários, mostrando que, no fim das contas, todos acabam sujeitos ao sistema. E a sua demissão no penúltimo episódio se mostra emblemática na medida que faz a própria figura de autoridade da série questionar o sentido da sua existência ali, uma vez que foi descartada facilmente, mesmo se dedicando fervorosamente à liderança, às vezes até demais.

3.5 A escuridão na luz

É complicado pensar no conceito de luz, sem pensar no conceito de escuridão, afinal um não pode existir sem o outro. É nesse caráter antagônico que podemos conceber os sentidos dessas palavras. Esse pensamento é retratado por Silva (2000), que disserta sobre a atribuição de sentidos na linguagem:

“De acordo com Saussure, os elementos – os signos – que constituem uma língua não tem valor absoluto, não fazem sentido se considerarmos isoladamente ... Ele só adquire valor – ou sentido – numa cadeia de outras marcas gráficas ou fonéticas que são diferentes dele”. (Silva, 2000, p. 77)

Dessa forma, podemos compreender então que dentro da escuridão há luz e dentro da luz há escuridão. E é em cima da escuridão que existe na luz que eu queria tratar, mas não qualquer luz, e sim da Lumon.

Soa irônico uma empresa que se denomina como a que ilumina ser extremamente misteriosa, e seus processos, desconhecidos do grande público. Na verdade, desconhecidos até mesmo dos que trabalham nela. O que leva uma empresa a executar a Ruptura nos seus funcionários? O que há de tão secreto no trabalho que executam, uma vez que ele apesar de fazer pouco sentido por si só nos é mostrado durante a série?

Será que o trabalho real deles é o que eles executam no cotidiano, ou o real propósito da Lumon seria justamente fazer experimentos, como é a própria Ruptura?



Figura 10 - Fachada da Lumon
Fonte: Ruptura 2022

Para refletir sobre isso queria trazer primeiramente a forma como a Lumon se estrutura em cima da ideologia de Kier, o criador da empresa. Kier e os seus sucessores criaram uma espécie de livro sagrado da organização, que é valorizado e seguido tal qual uma escritura religiosa. E, se nos setores externos da Lumon já existe essa valorização da palavra de Kier, vemos que no setor interno, onde há a Ruptura, Kier é praticamente um deus, aquele que possibilitou a existência dos que lá trabalham, uma vez que eles, como já citado anteriormente, “nasceram” lá. Inclusive vemos que isso toma proporções ainda maiores quando descobrimos a existência de uma réplica em tamanho real da casa de Kier dentro do sub-solo da Lumon, onde a sua visita é vista como um troféu dado pela empresa aos seus funcionários.

Kier é um herói, uma referência, uma lenda, que se preocupa com o bem-estar dos seus, em teoria. “*Não permita que a fraqueza viva em suas veias*” disse Kier no Ep.8 O que tem pra jantar? Mas o que seria fraqueza para o Kier? Talvez fosse não executar bem o próprio trabalho, ou questionar as regras que ele havia criado. Ele é o guru que os forneceu

algum sentido, afinal. Dessa forma, a função deles é retribuir garantindo o progresso da Lumon, e o sucesso dos seus objetivos.

Mas aqui retornamos ao ponto de partida dessa seção: mas afinal, quais eram os objetivos da Lumon? Temos alguns indícios durante os episódios que levantam a teoria de que o real objetivo da empresa era desenvolver tecnologias que estariam ligadas ao controle, como a própria Ruptura. E testar isso de forma secreta era a melhor solução para aprimorar os métodos. Vemos em uma das andanças de Mark e Helly a existência de muitos outros setores dentro do sub-solo da Lumon, setores que fugiam do convencional, como quando Helly e Mark encontram um departamento de criação de cabras, o que não faria muito sentido se pensarmos na Lumon como um escritório apenas, como nos era levado a acreditar até então. Em outro momento vemos que a Sra. Casey, uma espécie de Psicóloga da Lumon, também serve ao experimento, e a exposição da sua real identidade nos faz ficar assustados sobre até onde o sistema pode ir para garantir a manutenção dos ideais de progresso.



Figura 11 - Mark, Helly e Irving no Departamento de Óptica e Design
Fonte: Ruptura, 2022

Há também a questão envolvendo o departamento de Óptica e Design, que sempre foi retratado para o departamento de Refinamento de Macrodados como perigoso, e o qual não deveriam se aproximar. Mas percebemos no decorrer da série que as coisas não são bem assim, e no romance entre Irving e Burt vemos que o oposto também era disseminado. O que nos leva a deduzir que histórias eram criadas para afastar os departamentos e para fazerem eles temerem/odiarem uns aos outros. Eram inventadas *fake news* para estimular a polarização e sociedades polarizadas se enfraquecem e facilitam o controle dos que detêm o poder no final das contas.

Enfim, vemos que a ideologia da Lumon era mais alienante que libertadora, e que os sentidos que ela queria atribuir aos seus funcionários, serviam muito mais para benefícios próprios do que para um bem estar coletivo. Ela não queria saciar as suas angústias existenciais, ela só queria executar os seus experimentos da forma mais fácil possível.

3.6 A luz na escuridão

Mas mesmo em um ambiente alienante e que visava corromper os funcionários aos seus próprios propósitos, temos uma chama de esperança. E a luz se torna realmente visível na chegada de Helly. A luz é a representação do questionamento daquele sentido, daquele trabalho e daqueles valores. A saga de Helly representa um ponto de partida para a ruptura daquele sistema como inicialmente constituído.

A luz se mostra presente também na reintegração de Petey, que encontrou um meio, com a ajuda de agentes externos, de reverter o procedimento de Ruptura. A unificação das suas duas partes apesar de se mostrar perturbadora para si mesmo, o permite visualizar melhor o sistema. Unindo a experiência externa com a interna, ele era capaz de olhar a situação de cima e fazer uma análise mais assertiva do cenário que estava inserido. É um ponto interessante no que diz respeito à situação de Petey especificamente, é que na medida que as duas versões também podem ser concebidas como duas pessoas diferentes, a unificação dessas partes o transforma em um terceiro indivíduo. As experiências vividas em todos os ambientes o fazem criar uma nova versão de si, e assim realinhar seu sentido mais uma vez.

O terceiro ponto luminoso, dentro de toda essa escuridão está justamente no momento em que o livro do cunhado de Mark, o Ricken, acaba sendo levado para dentro da Lumon pela Sra. Cobel e encontrado pelos funcionários, que começam a lê-lo e assim, a serem corrompidos pelos ideais daquele representante externo, que nada tinha relação com Kier e que trazia novas percepções sobre a vida e sobre o sistema a eles, intensificando os questionamentos e assim construídos novos sentidos e perspectivas de futuro.



Figura 12 - Livro de Ricken
Fonte: Ruptura, 2022

“Se você tiver se contorcendo para se encaixar em um sistema... para e pergunte se é você que tem que mudar ou é o sistema.” - (Ricken - em seu livro - Ep. 5: A cruel barbárie do Óptica e Design)

O Ricken, traz reflexões sobre o sistema, expondo a seu modo a crise do contemporâneo. Mostra um mundo que há muito tempo impõe valores e sentidos aos seus habitantes, que limita subjetividades e que cerceia a possibilidade do seu povo de construir os seus próprios sentidos.

“O nosso trabalho é respirar ar puro. O seu chefe pode ser dono do relógio que te provoca na parede. Mas meu amigo. A hora é sua.” (Ricken - em seu livro - Ep. 5: A cruel barbárie do Óptica e Design)

Ele acaba expondo a falta de sentido de repetirmos os mesmos processos de formas mecânicas por toda a nossa vida. A falta de sentido na hiper valorização de valores organizacionais, e em como isso tudo diz mais sobre controle do que sobre pertencimento. Se não nos sentimos bem no sistema, e ele decai sobre todos, talvez algo esteja errado com a forma com que ele se formou e se estruturou desde seus primórdios.

“Seu trabalho precisa de você, não é o contrário.”- Ricken. O discurso do valor do trabalho nos faz acreditar que devemos ser gratos pelo mínimo, que é ter um trabalho, independente das condições em que trabalhamos e atividades que nos sujeitamos. E também coloca em uma posição de inferioridade àqueles que não o tem, como se as mesmas oportunidades fossem oferecidas para todo mundo, e como sabemos, não é a realidade.

Quem detém o poder acaba expondo essa natureza líquida que são as organizações, somos substituídos facilmente, logo, nós que precisamos do trabalho para subsistir, e em tese eles não precisam da gente, mas será que é isso mesmo? Ou é apenas um discurso para facilitar o poder? Nos coagir e fazer com que evitemos questionar certos processos?

Todo trabalho existe por alguma demanda do sistema, mas o sistema ainda é constituído de pessoas para pessoas. É uma relação de interdependência, trabalhar não é por si só alguma coisa, é um verbo, e como verbo, precisa de um sujeito para executá-lo. Ele serve à sociedade, mas a sociedade no fim das contas somos todos nós.

3.7 A incerteza de um futuro

“O que separa o homem da máquina é que as máquinas não podem pensar por si mesmas”. - Ricken. O que vem depois que questionamos o sistema que fazemos parte? O que vem depois da mudança?



Figura 13 - Da esquerda para a direita Mark, Dylan, Irving e Helly no trabalho
Fonte: Ruptura, 2022

Será que estamos prontos para fazer essa pergunta, ou só estamos muito afoitos para sairmos da situação em que estamos afundados a um ponto que não importa muito o que virá depois, desde que seja menos pior do que estamos vivendo agora?

A partir do momento em que questionamos os sentidos previamente atribuídos e declaramos insustentável seguir da forma que estava sendo determinado, para onde vamos? Como construímos um novo sentido? Relembrando que se o sentido diz sobre uma perspectiva de futuro (Benjamin, 1987), a ausência dele torna, por consequência, a existência de um futuro como incerta.

Dessa forma, seria totalmente viável abrir mão dos sentidos atribuídos pelo sistema? E se fosse, quem nós nos tornaríamos no final desse processo? Em uma sociedade atravessada por conceitos cada vez mais acelerados e fluidos existiria uma forma para fugir deles? Fugir das convenções sociais inevitavelmente nos faria cair em um extremismo individual?

3.8 Entre o sofrimento e o controle: humanos mais humanos do que outros

Um outro ponto importante que devemos tratar é sobre o procedimento de Ruptura por si só. Em uma primeira instância, ele é apresentado como uma forma de garantia para a confidencialidade das atividades da Lumon. Mas vemos durante a aparição de Gabby que as coisas não são bem o que parecem.

Gabby é uma mulher que a irmã de Mark, Devon conhece em um chalé para grávidas. Quando ambas se reencontram após o nascimento dos bebês, Gabby não se lembra de Devon, e as informações que ela passa sobre a criança contradizem o que havia dito antes. Se não bastasse essa interação estranha, vemos a Gabby no último episódio interagindo com a Helly Externa, falando que não conseguiria ter suportado 3 gestações sem uma “ajudinha”. Dando a entender que ela fez a Ruptura, e era a sua outra versão que vivia a gravidez no seu lugar, um conceito diferente do que apresentado no caso dos trabalhadores da Lumon. Uma vez que a Gabby Interna não estava presa em níveis físicos, mas estava sob controle da sua versão externa.

Essa análise nos possibilita trazer mais uma visão para o jogo: a ruptura como uma tecnologia capaz de intervir no sofrimento humano, permitindo que quem a executa, consiga realizar atividades que geram algum desgaste sem a percepção disso. Podemos traçar aqui um paralelo com a neurociência, ou com o *boom* dos medicamentos para questões mentais, que intervêm no nosso sofrimento, nos dopando e tirando a percepção dele. Vemos essa mudança de paradigmas muito bem exemplificada no texto de Zorzanelli e Ortega (2011):

Conforme indica Rose (2000, 2003), passamos a compreender nossas tristezas e agruras como desequilíbrios químicos, tratáveis por drogas que restauram o equilíbrio perdido. E passamos a falar sobre nós e agir uns com os outros a partir da pressuposição de que nossas características são preponderantemente formatadas pela biologia. Não apenas as doenças, mas também as personalidades, capacidades, paixões e forças que mobilizam os seres humanos parecem potencialmente explicáveis em termos exclusivamente cerebrais e genéticos. Por consequência, estamos depositando nas tecnologias derivadas da genética, da neuroquímica, da

neurobiologia, do imageamento cerebral a esperança de desvendamento do humano (Zorzanelli e Ortega 2011).

Mas na medida que podemos olhar a ruptura como um meio preposto para lidar com o sofrimento humano, também temos que voltar no pensamento de Helly. Quem são os humanos nessa equação? Porque o sofrimento não desaparece, ele apenas decai na outra versão de si mesmos, ele é terceirizado. Aqui caímos novamente na questão do controle.



Figura 14 - Helly realizando a Ruptura
Fonte: Ruptura, 2022

As tecnologias de se lidar com o sofrimento e demais emoções consideradas negativas não são para todos. Alguma parcela terá condições de financiar e, dessa forma, se beneficiar disso, enquanto outra terá que se sujeitar para lidar com o sofrimento que é rejeitado pela primeira parcela. Quando limitamos as causas do sofrimento a fatores exclusivamente biológicos, retiramos o peso de questões sociais, políticas e econômicas do jogo. Retirando a responsabilidade do sistema, que como dito lá na contextualização da análise, pode ser compreendido em grande parte como sendo as instituições contemporâneas. Dessa forma vemos o redirecionamento do sentido em uma única direção, como nos mostra Zorzanelli e Ortega (2011):

“Explicações exclusivamente reduzidas à biologia têm oferecido respostas socialmente convincentes para muitas das perguntas que outrora eram feitas de forma mais ampla às Ciências Humanas e seus métodos - não somente sobre doenças e sofrimento mental, mas sobre comportamentos e escolhas.” (Zorzanelli e Ortega, 2011).

Ao visualizarmos esse contexto, percebemos que no fim das contas alguns humanos acabam sendo mais humanos do que outros. Pois, ao centralizarmos as causas do sofrimento, percebemos, na própria incapacidade das pessoas de conseguirem subsidiar possíveis curas para esse mal: a desigualdade. E se há desigualdade no acesso a esses procedimentos que em tese resolveriam os nossos problemas, ou pelo menos diminuiriam a nossa infelicidade, não seria de todo errado então questionar quem deveria propiciar que tais tratamentos fossem acessíveis ao público geral, não é mesmo? O sofrimento de não conseguir por si só se livrar do sofrimento em tese inerente como a estrutura contemporânea quer nos fazer acreditar que se é, não acabaria gerando um novo sofrimento? Esse ligado à impotência de se perceber que os discursos não contemplam a realidade de todos?

3.9 Eu x Nós, os vínculos que constroem sentidos

Durante a história, a concepção de subjetividade sempre esteve ligada a graus comparativos. Dessa forma, é impossível dissociar a concepção de “eu” da concepção de nós. Não está errado concluir então que a nossa construção de sentido não pode ser feita sozinha e não depende só de nós mesmos, como alguns discursos visam que acreditemos.



Figura 15 - Mark e Helly se entreolhando
Fonte: Ruptura, 2022

Vemos em Ruptura o quanto os vínculos das personagens são importantes para a construção de sentido para as suas existências. Seja no conformismo do Mark à sua vida na Lumon, situação que só foi suportada devido a sua relação com Petey; seja no vínculo de

Mark com Helly, que forneceu a base para o questionamento dos sentidos atribuídos pela empresa; ou no romance de Irving com Burt, que o propiciou construir um novo sentido baseado nos seus sentimentos, ou na descoberta de Dylan da existência do seu filho que o fez querer se direcionar a busca de mais informações deste.

Na ausência de um sentido construído, as relações forneceram-nos uma base para suportar suas existências naquele contexto; os afetos vieram como novo caminho possível.

E aqui eu posso convenientemente retomar um pouco sobre a discussão afetiva, esta que não se faz importante na construção de sentidos só em níveis físicos e cotidianos, mas também se mostra importante na construção de novos sentidos teóricos e metodológicos, que consideram os processos individuais e rompem com padrões estabelecidos lá atrás por grupos bem específicos como já trazido em alguns momentos.

O afeto nos faz nos sentir pertencentes, e pertencer a algo nos dá sentido e rumo. Às vezes soa mais fácil não questionar os sentidos atribuídos, uma vez que eles nos dão forma. Mas se torna inevitável não questioná-los quando eles representam a destruição de outra parte de nós mesmos.

Considerações Finais

Ruptura é concebida em um contexto pós-pandêmico, a partir do qual as pessoas têm se questionado cada vez mais intensamente o sentido da vida e a sua posição nos processos que ocupam, dentre eles no trabalho. E apresentar um trabalho sem sentido é bem simbólico. Na constatação da falência da vida moderna, é construída uma nova proposta, talvez não tão nova, mas que redireciona o olhar e os discursos.

O sistema acaba sendo o catalisador de bons momentos e encontros, à medida que também promove grandes sofrimentos à humanidade. E apesar da substituição dos valores pré-concebidos no nascimento da monarquia, pelo valor do trabalho associado ao esforço e uma falsa meritocracia, vemos que na prática não é o que prevalece, como e onde nascemos ainda tem um grande peso na nossa posição social.

E como eu me sinto diante tudo isso? Em parte me sinto feliz, pois a chance de estar escrevendo isso após viver cinco anos de graduação em uma ótima universidade pública só me é possibilitada pela existência do sistema. Mas por outro lado me sinto triste por saber que talvez mesmo que eu me esforce eu não atinja algumas posições só por ser quem eu sou. Mas afinal quem eu sou, não é mesmo?

Talvez a ausência de uma resposta concreta me dê a esperança de que a realidade se transforme mais uma vez. E novas perspectivas sobre esses mesmos assuntos sejam traçadas.

Independente do que eu fale ou faça, trata-se de uma situação muito complexa, e que não está nas nossas mãos, individualmente falando, narrativa esta que o sistema quer que nós compreemos. Está nas mãos dele como sempre esteve. Talvez o mal do ser humano seja acreditar que o mundo está sujeito a ele, mas na verdade é ele que está sujeito ao mundo.

Na tentativa de criar uma analogia sobre essa situação, eu penso no sistema como um grande peso que decai sobre todos, exigindo padrões sobre-humanos. E na tentativa de tornar esse fardo um pouco mais leve, simplificamos e resumimos várias complexidades. Mas é aí que mora o paradoxo: na busca por tentar diminuir o sofrimento coletivo, geramos mais sofrimento individual. Talvez as coisas fossem mais promissoras se o sistema por si só não fosse tão desigual. Então aqueles que nascem em uma situação de desvantagem são os que mais colhem os frutos dessa simplificação coletiva.

Imagine se cada um de nós recebêssemos uma quantia de dinheiro no nosso nascimento, alguns nascessem já com 1 milhão em conta, e outros já nascessem com um saldo negativo de 1 milhão. Só que a todas essas pessoas independente de quanto receberam no seu nascimento, um valor de 500 mil será cobrado quando chegarem em uma determinada

idade. É possível ver que quem nasceu com um saldo negativo terá que se esforçar demasiadamente e ainda sim, sem a garantia de que conseguirá pagar essa quantia para continuar vivo. Enquanto quem nasceu com 1 milhão em conta só precisa ter a responsabilidade de manter metade desse dinheiro enquanto utiliza da forma que bem entender os 500 mil restantes. É dessa forma que o sistema age, ele exige as mesmas coisas ou até mais de quem tem menos, sem oferecer um subsídio para que a competição se torne um pouquinho mais igualitária. É utópico hoje pensar em um mundo totalmente equilibrado, até porque padrões nos cercam em diversas áreas, mas é interessante pensarmos na ideia de consciência coletiva, de que os valores atribuídos pouco dizem na verdade, só nos ajudam a construir um sentido para nossa existência. O ideal talvez seria tentar minimizar a ideia da construção de um sentido que passe por cima de tudo e qualquer coisa para existir.

Nessa toada, ainda queria aproveitar para trazer um paralelo com outra série, que gosto muito e que não foi por si material de análise neste TCC. Mas queria usar alguns conceitos breves. Essa é a série *The Good Place*, da NBC, que esteve no ar entre 2016 e 2020, que fala sobre vida pós-morte, numa deliciosa comédia filosófica. Na série, a ida para o bom lugar ou o lugar ruim, que correspondem ao céu e ao inferno na visão cristã, se dá a partir de um sistema de pontos. Se o seu saldo for positivo você vai para o bom lugar, mas se o seu saldo for negativo, você vai direto para o lugar ruim. Mas um fator interessante que a série mostra é que, a partir de um determinado século, todas as pessoas foram para o lugar ruim. Porque o mundo se tornou complexo demais e todo e qualquer indivíduo acabou corroborando para práticas pouco virtuosas mesmo sem saber ou sem intenção. E é basicamente isso, o mundo se tornou complexo demais para se traçar limites claros, há uma interdependência de tudo. Não somos mais povos isolados por meio dos quais o nosso único ponto comum era o planeta que habitávamos. Estamos mais misturados do que nunca. E a tendência é que continuemos nesse caminho e se mostra muito importante tomar consciência deste.

Pensando nessa interdependência, também posso refletir como isso decai sobre os conceitos. Em um livro milenar de ensinamentos chinês denominado *Tao Te Ching*, escrito por Lao-Tsé, personalidade que se questiona a real existência até os dias atuais, ou se era o pseudônimo de algum filósofo oriental que preferiu se manter anônimo, há uma reflexão bem interessante sobre isso.

Quando todos no mundo veem a beleza. Então existe o feio. Quando todos veem o bem. Então o mal existe. Portanto: O que é e o que não é, criam um ao outro. A dificuldade e o fácil se complementam. Longo e curto se formam. Alto e baixo de

apóiam um no outro. Voz e tom se harmonizam. Primeiro e último seguem um ao outro.” Lao Tzu, Tao Te Ching, Capítulo 2.

Dessa forma, vemos que o feio só é possível ser descrito depois que definimos o que consideramos belo, que vai no contraponto do primeiro sentido que construímos. Quando definimos o bem, então temos o mal. O conceito de herói só pode existir se houver um vilão a ser combatido. Sem um mal iminente, seríamos todos apenas pessoas normais. Um sentido só pode ser construído na existência de outro. E na constatação disso que novos sentidos são criados.

A auto-reflexividade sobre sentidos gera novos caminhos e expande as possibilidades interpretativas, e se voltarmos a perspectiva afetiva vemos como Clough (2007) exemplifica esse processo:

Na medida que a auto-reflexividade se torna interna a esses sistemas, um traço contínuo e prontamente disponível de seu funcionamento, mais ela é realizada nos loops de retorno, que disparam com velocidades variáveis, em múltiplas direções e em múltiplas temporalidades, emergindo por acaso e fora-de-controle – o caos que, como Massumi propõe, é a condição de possibilidade do social nesse momento (Clough, 2007).

No fim, tudo termina em caos, como esse próprio trabalho, que tenta em seu cerne trazer uma experiência nova em cima dos mesmos assuntos de sempre. Se consegui ou não, é com vocês. Mas foi sobre a possibilidade de construir algo que fizesse sentido para mim que me joguei nessa jornada.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. (Trad. Mauro W. Barbosa). São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: *Mágia e Técnica, Arte e Política*. (Trad. Paulo Sérgio Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLOUGH, Patricia Tricineto. **A Virada Afetiva: teorizando o social**. (Tradução por Lucas Faial Soneghet) *Blog do Labemus*, 2020. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2020/07/16/a-virada-afetiva-teorizando-o-social-por-patricia-ticineto-clough>>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.
- CLOUGH, Patricia Tricineto. **The Affective Turn: Theorizing the social**. *Movement Theory*, Spring 2017, 2016. Disponível em: <<https://movementtheory2017.files.wordpress.com/2016/12/clough.pdf>>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.
- DUTRA, Renata Queiroz. **Direitos fundamentais sociais à afirmação da identidade e à proteção da subjetividade no trabalho**. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*, 2012. Disponível em: <http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/35839/013_dutra.pdf?sequence=3>. Acesso em 20 de novembro de 2022.
- ENCISO, Giazú; LARA, Alí. **El Giro Afectivo**. *Athenea Digital*, 2013. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v13-n3-lara-enciso/1060-pdf-es>>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.
- HANKE, Michael. **Materialidade da Comunicação - um conceito para a Ciência da Comunicação?**. *Periódicos UFF*, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17425/11062/65207>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.
- MAFRA, Rennan Lanna Martins. **As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente**. *Revista Logos*, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/62436/41404>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.
- MOURÃO, Isaura; VINHOLA, Bruno; MORÁS, Nicole. **Relações de poder e ciberdocilidade: dilemas éticos infocomunicacionais**. *Organicom*, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/159912/161284>>. Acesso em 06 de dezembro de 2022.
- OLIVEIRA, Isabel de Assis Ribeiro de. SCIELO, 2006 **O mal-estar contemporâneo na perspectiva de Charles Taylor**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/h8kckg8tvph69dpsBWSchvj/?lang=pt>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.
- SIBILIA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SILVA, Cássio Robson Alves da. **Ruptura, Dobra e Emenda do Eu - Esboço para uma Teoria da Subjetividade**. *Periódicos UNB*, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/29074/28617>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Editora Vozes, 2000.
- TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A construção da identidade moderna**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

TAYLOR, Charles. **A Ética da Autenticidade**. São Paulo: Realizações Editora, 2011, Col. Abertura Cultural.

ZORZANELLI, Rafaela; ORTEGA, Francisco. **Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea**. Scielo Brasil, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/xZ36Gqh3f4mZMXpJHYVftdd/?lang=pt>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.